

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS E**  
**HUMANIDADES**

**COTAS NAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE**  
**ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DE ESTUDANTES COTISTAS NO**  
**CONTEXTO AMAZÔNICO**

**Luciney Freitas Pereira**

**HUMAITÁ/AM – 2021**

**Luciney Freitas Pereira**

**COTAS NAS UNIVERSIDADE: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO,  
PERMANÊNCIA E SUCESSO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CONTEXTO  
AMAZÔNICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas para obter o título de Mestre em Ensino de Ciências e Humanidades.

Linhas de pesquisa:  
Perspectivas Teóricas –  
Metodológicas para o Ensino das Ciências Humanas.

Orientadora: Dra. Suely Aparecida do N. Mascarenhas

## Ficha catalográfica

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P436c Pereira, Luciney Freitas  
Cotas nas universidades : um olhar sobre as políticas de acesso, permanência e sucesso de estudantes cotistas no contexto amazônico / Luciney Freitas Pereira . 2021  
98 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas  
Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Ações afirmativas . 2. Cotas. 3. Negros. 4. Acesso e permanência. I. Mascarenhas, Suely Aparecida do Nascimento. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

LUCINEY FREITAS PEREIRA

**COTAS NAS UNIVERSIDADE: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO,  
PERMANÊNCIA E SUCESSO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CONTEXTO  
AMAZÔNICO**

**BANCA EXAMINADORA**



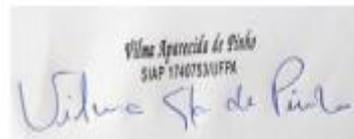
---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Suely Aparecida do Nascimento  
Mascarenhas**, Presidente - PPGECH- UFAM,



---

Prof. Dr. **António Alone Maia**  
Membro Titular Externo 2 – UNIROvuma,  
Moçambique



Vilma Aparecida de Pinho  
SIAP 1740754/UFPA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Vilma Aparecida de Pinho**  
Instituição: PPGEDUC/UFPA

---

Membro Titular Externo 1 – PPGEDUC/UFPA, Brasil



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Eliane Regina Martins Batista**  
Membro Titular Interno 3 – PPGECH/UFAM, Brasil

Humaitá, Amazonas, Brasil, PPGECH/IEAA/UFAM, 17 de dezembro de 2021.

**Humaitá/AM, 17 de dezembro de 2021**

## **Dedicatória**

*A meus pais, meus avós e meus irmãos, que sempre me apoiaram em todos os meus projetos e sonhos.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a Jesus, meu eterno salvador, que me ajudou a chegar até aqui como ele mesmo diz: “Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (João 15:5). Posso dizer que em meio a todos os momentos de dificuldades e anseios na construção dessa dissertação Ele foi generoso para comigo. Gratidão ao Pai.

Em segundo lugar agradeço a minha família, aos meus pais, Jairo Cantanhede e Marlene Freitas, que mesmo nas suas limitações, sempre deram o melhor que tinham com os recursos que possuíam.

Agradeço a minha irmã, Anna Lídia, sempre tão generosa e inteligente, sempre me apoiando em todos os momentos, mesmo longe estava perto através da tecnologia. Você tem um grande potencial e é capaz de fazer qualquer coisa que queira. Ao meu irmão William, amo você mano.

Agradeço aos meus avós, Maria de Lourdes e Raimundo Nonato, pelas orações e pelas bênçãos ministradas em minha vida, que Deus prolongue seus dias aqui nesta terra e que sejam dias com saúde.

Agradeço ao professor Dr. Davi Nogueira, que me enviou o edital do mestrado e que disse: “pensei em você quando li esse edital”. Quando li que era em Humaitá pensei: tá louco acho que entendi errado (risos), mas em fim foi um processo que mudou a minha vida e a minha história em meio aos vendavais ao longo desses dois anos de estudos.

Agradeço aos professores das disciplinas, aos colegas do mestrado em especial a Eliana, que estava sempre pronta a mim ouvir, a Anna e a Rosangela, pelas gargalhadas em Humaitá. Vocês fizeram esse processo ser bem mais leve nos dias difíceis.

E por fim, a minha querida orientadora Suely Mascarenhas, sempre tão gentil, humana, paciente e amorosa. Gratidão

## RESUMO

A pesquisa “Cotas nas universidades: um olhar sobre as políticas de acesso, permanência e sucesso de estudantes cotistas no contexto amazônico” é resultado da análise da contribuição da lei 12.711/2012, e às vivências e os enfrentamentos dos estudantes cotistas nas universidades da região norte. Esta pesquisa se qualifica como uma pesquisa de abordagem qualitativa, parte da problemática: como se configura o processo de acesso, permanência e sucesso no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia? Tem como objetivo geral: Compreender o processo formativo de (acesso, permanência e sucesso) de estudantes cotistas nas universidades na Amazônia. Possui como objetivos específicos: Identificar as formas de acesso, permanência e sucesso de estudantes cotistas em universidades na Amazônia brasileiras; Descrever as vivências e os enfrentamentos de estudantes cotistas na graduação no contexto Amazônico; Analisar aspectos das relações étnico-raciais vivenciados pelos estudantes cotistas no ensino superior nas universidades na Amazônia brasileira. Este trabalho está disposto em 4 seções: a primeira, intitulada como “Ações afirmativas: do mundo para o Brasil”, traz uma análise geral dos primeiros movimentos de ações afirmativas no mundo e suas consequências nos diversos países e posteriormente a luta do movimento negro no cenário que se caracterizou com as primeiras impressões das ações afirmativas no Brasil. A segunda seção, denominada “Estrutura das relações sociais no Brasil”, aborda o entrelaçamento de povos indígenas, portugueses e africanos, a forma como se constituíram os primeiros brasileiros a partir da mistura desses três grandes povos. A terceira seção “Caminhos metodológicos” comunica os caminhos percorridos nesta pesquisa que foram realizados em ambiente totalmente virtual, fazendo uso de ferramentas como Google Forms e Google Meet, tendo como primazia na busca dos sujeitos da pesquisa grupos sociais do Facebook, Telegram e WhatsApp, ligados às universidades da região norte. Como resultado, constatamos que a Lei 12.711/2012 possibilitou um aumento significativo de estudantes negros, pardos e indígenas nas universidades da região Amazônica, entretanto a permanência e o sucesso destes estudantes dependem de vários fatores que surgiram ao longo desses dez anos de política de cotas que vem apontando que é preciso oferecer condições necessárias para a permanência destes estudantes.

**Palavras chaves:** ações afirmativas; cotas; negros; acesso e permanência.

## ABSTRACT

The research "Quotas in universities: a look at the policies of access, permanence and success of quota students in the Amazon context" is the result of the analysis of the contribution of law 12.711/2012, and the experiences and confrontations of quota students in universities in the region. This research qualifies as a qualitative approach research, starting from the problem: how is the process of access, permanence and success in higher education of quota students in the Amazon? (permanence and success) of quota students in universities in the Amazon. Its specific objectives are: Identify the ways of access, permanence and success of quota students in universities in the Brazilian Amazon; Describe the experiences and confrontations of quota students in graduation in the Amazon context; To analyze aspects of ethnic-racial relations experienced by quota students in the higher education in universities in the Brazilian Amazon. This work is arranged in 4 sections: the first, entitled "Affirmative Actions: from the world to Brazil", brings a general analysis of the first movements of affirmative action in the world and its consequences in different countries and later the struggle of the black movement in Brazil. scenario that was characterized with the first impressions of affirmative action in Brazil. The second section, called "Structure of social relations in Brazil", addresses the intertwining of indigenous, Portuguese and African peoples, the way in which the first Brazilians were constituted from the mixture of these three great peoples. The third section "Methodological paths" communicates the paths taken in this research that were carried out in a totally virtual environment, using tools such as Google Forms and Google Meet, having as primacy in the search for research subjects social groups Facebook, Telegram and WhatsApp, linked to universities in the northern region. As a result, we found that Law 12,711/2012 allowed a significant increase in black, brown and indigenous students in universities in the Amazon region, however, the permanence and success of these students depend on several factors that emerged over these ten years of quota policy that has been pointing out that it is necessary to offer the necessary conditions for the permanence of these students.

**Keywords:** affirmative actions; quotas; blacks; access and permanence.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perspectivas dos estudantes.....	62
Quadro 2: Perfil dos participantes da pesquisa .....	63

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Organograma de distribuição de cotas.....	27
Figura 2: distribuição de cor ou raça em % no Brasil .....	28
Figura 3: Número de instituições de Ensino Superior no Brasil.....	30
Figura 4: matrícula no Ensino Superior em Milhões.....	30
Figura 5: Contagem em % dos participantes.....	50
Figura 6: Idade dos participantes da pesquisa .....	51
Figura 7: Instituições que participaram da pesquisa .....	52
Figura 8: Formas de acesso à universidade .....	53
Figura 9: Cursos dos participantes da pesquisa.....	54
Figura 10: Localização geográfica dos estudantes .....	54
Figura 11: Faixa de renda familiar .....	55
Figura 12: Renda familiar .....	55
Figura 13: Exerce outra atividade.....	56
Figura 14: Auxílio acadêmico .....	57
Figura 15: Dificuldades na aprendizagem .....	58
Figura 16: Autodeclaração racial.....	59
Figura 17: Discriminação racial .....	59

## LISTA DE TABELA

Tabela 1: tabela comparativa entre cotas, PNAES E PBP .....	25
Tabela 2: distribuição de matrículas/população nas instituições de ensino superior no Brasil .....	29
Tabela 3: Política de cotas no contexto Amazônico .....	32

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
OBJETIVOS.....	20
Geral.....	20
Específicos.....	20
1. AÇÕES AFIRMATIVAS: DO MUNDO PARA O BRASIL.....	21
1.1. Meios que dão subsídios a permanência de estudantes nas universidades.....	24
1.2. Apontamentos para novos caminhos a Lei 12.711.....	26
1.3. Demandas do Ensino Superior no Brasil.....	29
1.4. Política de cotas no contexto Amazônico.....	31
2. ESTRUTURAS DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL.....	34
2.1. A formação de uma nova nação.....	35
2.2. Classificação racial: uma ideologia de dominação.....	36
2.3. Estruturas das relações sociais pós abolição no Brasil.....	38
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	41
3.1. Primeiros passos.....	43
3.2. Instrumentos de coleta de dados.....	43
3.3. O uso do questionário em pesquisa sociais.....	44
3.3.1 As formas das perguntas no questionário.....	45
3.4. Grupo focal síncrono e o pesquisador.....	45
3.5. Etapas para a realização do grupo focal on-line.....	46
3.5.1. Sujeitos da pesquisa e números dos participantes.....	46
3.5.2. Meios de divulgação a ser utilizado.....	47
3.5.3. Construção da temática a ser abordada.....	47
3.5.4. Definição do espaço on-line para a realização do grupo focal.....	48
3.5.5. Execução do grupo focal on-line.....	48
3.6. Método de análise de dados da pesquisa.....	49
4. RESULTADOS DA PESQUISA.....	50
4.1. Participantes da pesquisa.....	50
4.2. Instrumento de coleta de dados.....	51

4.3.	Procedimentos de coletas, tratamento e análise de dados .....	51
4.4.	Resultados da pesquisa: questionário .....	52
4.5.	Resultado e análise da pesquisa: grupo focal .....	62
4.5.1.	Categoria 1: Início da vida acadêmica: acesso e primeiras impressões na universidade .....	63
4.5.2.	Categoria 2: Dimensões influenciadoras no desenvolvimento dos estudantes na universidade.....	69
4.5.3.	Categoria 3: As relações que perpassam no contexto da universidade.....	73
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
6.	REFERÊNCIAS .....	79
	APÊNDICES.....	85
	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....	87
	Grupo focal/tópicos .....	93

## INTRODUÇÃO

Desde a aprovação da Lei nº 12.711 de 2012, conhecida como Lei das cotas, vem se destacando no cenário educacional debates acerca de variados temas relacionados às questões sobre a entrada de estudantes cotistas nas instituições de ensino superior. As ações afirmativas conhecidas como intervenções do Estado têm como objetivo garantir o cumprimento dos direitos sociais de grupos excluídos pela sociedade (PACHECO, 2007).

Embora, algumas universidades no Brasil como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ e a Universidade de Brasília – UNB, já tinham implantado cotas para negros e indígenas antes de 2012, o debate sobre a política de cotas se tornou mais caloroso a partir da obrigatoriedade da Lei nº 12.711 de 2012, que deu o prazo para as instituições de ensino superior até 2016 para destinarem metade das vagas a estudantes de escolas públicas, levando-se em conta também as questões socioeconômicas (GUARNIERI; MELO-SILVA, 2017).

Nesse cenário de política de cotas é que colocamos aqui a trajetória acadêmica da pesquisadora deste escrito que ingressou na Universidade do Estado do Amazonas – UEA, em 2010. A universidade estadual possui a sua própria política de cotas visando formar profissionais para atuarem na sociedade amazonense, visto que prioriza os estudantes do estado do Amazonas. Já dentro da universidade a pesquisadora participou de grupos de pesquisas voltados para a formação de professores. Presenciou falas discriminatórias vindo de diversos grupos sociais direcionadas a estudantes cotistas de baixa renda, mas que só foram interpretadas na pós-graduação, por esta naturalizada pelas vivências do dia a dia.

Assim, a presente pesquisa surgiu através do que podemos chamar de uma construção enquanto da identidade de pesquisadora no programa de Pós-graduação no Ensino de Ciências e Humanidade. Ao longo desse percurso, o interesse pela Lei 12.711 e sua implementação nas instituições Federais de ensino superior Pública no Brasil, nos levou a pensar sobre a entrada dos “excluídos” nas universidades públicas. “Excluídos”, coloco esse termo aqui por considerar que durante o tempo de debate e implementação da lei das cotas, os brasileiros que vieram de escolas pública, em situações economicamente frágil, foram discriminados por estar numa

situação diferente daqueles que já dominavam com seus corpos e suas mentes, as universidades públicas.

Atrelado a essa construção enquanto de pesquisadora, a temática desta pesquisa ganhou corpo a partir dos momentos de participação das aulas do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins da Universidade Federal do Pará, que teve como disciplina Relações Étnico-raciais: educação e cultura da população negra. As aulas foram ministradas via Google Meet, uma vez que estamos vivendo um momento pandêmico da Covid-19.

As aulas contaram com a participação de estudantes e professores do próprio programa bem como pessoas interessadas na temática do Brasil inteiro. Os textos tratados foram de enriquecimento teórico e reflexivo quanto à situação das pessoas negras e indígenas na sociedade brasileira.

Então, ao termos acesso aos textos da disciplina que nos foi oportunizado participar como ouvinte, começamos a entender as práticas discriminatórias que muitas vezes nos são acometidas no nosso dia a dia e que não percebemos, as novelas, filmes e programas de televisão, da década de 1990, onde o negro sempre estava na posição de empregada doméstica, o soldado negro que ia para a guerra eram sempre os primeiros a morrer na frente de batalha, nesses filmes os personagens negros morriam nos primeiros 15 minutos, programas de entretenimento sempre ridicularizavam a pessoa negra, “[...] é o racismo recreativo: um “mecanismo que encobre a hostilidade racial por meio do humor” (RIBEIRO, 2019, p.74). E foi assim que começamos a compreender que o sistema em que vivemos por muitos anos naturalizou a discriminação a pessoas de diferentes etnias e classes sociais.

Entretanto, o que mais nos chamou atenção dentre as leituras foi o livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), que retrata a história de vida de Fanon, em um de seus capítulos o autor redige a seguinte frase: “Não quero ser conhecido como um negro, e sim como branco [...] Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio” (p. 69). Nessa fala fica visível a negação de sua própria identidade e cultura, querendo se

encaixar a um mundo que aceitava a sua presença, mas que ao mesmo tempo o desprezava pelas suas características física e cultural, as quais fazem parte de sua identidade.

Partindo desse cenário da sociedade brasileira quando olhamos para a criação do sistema de cotas, quase dez anos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou em 2019 dados – referente ao ano de 2018 que consta que pela primeira vez no Brasil o número de pretos e pardos somam 50,3% nas universidades públicas; quanto a estudantes indígenas dados do último acesso da educação superior divulgados em 2017, mostram que os números de estudantes passaram de 32,147 para 49.026 envolvendo instituições públicas e privadas. É a primeira vez na história da educação no ensino superior que temos números tão expressivos.

Considerando que essa mudança nas universidades só está sendo possível devido à política de ação afirmativa, que foi capaz de trazer para dentro das universidades a população que há muito tempo havia sido excluída pela sociedade.

Nascimento (2016), considera que o ensino em todas as esferas seja primário, secundário e universitário é utilizado pelo Estado como instrumento de controle e discriminação a cultura africana, podemos estender essas considerações à cultura indígena. Embora, Abadias Nascimento, tenha escrito o livro, O genocídio do negro brasileiro, há mais de quarenta anos, ainda nos cabe pensar que suas contribuições atualmente nos fazem entender concepções que ainda estão presentes na sociedade e conseqüentemente nas universidades uma vez que elas se encontram dentro do Estado brasileiro.

Na atual classificação do IBGE, em relação à raça cor, a instituição trabalha com cinco categorias de autodeclaração: brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas. De acordo com a última pesquisa realizada em 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. Nesta pesquisa optamos por usar o termo “Negro”, pois, desde o início do século XXI existe uma luta ideológica a fim de ressignificar o termo “Negro”, o qual antes era visto como desprezado, despossuído, incivilizado, inculto e

incompetente, apesar do conceito do termo “Negro” não pertencer a qualquer grupo social, ou classe social, no passado foi colocado para fazer distinção a abusos raciais a fim de excluir e desqualificar seres humanos. Atualmente, o significado mudou, como resultados das lutas que permeiam o Movimento Negro, portanto a palavra propriamente dita não pertence a qualquer classe específica, mas sim é uma representatividade da luta de movimentos sociais que tornou o termo “Negro” em algo positivo através da ressignificação ao longo do tempo. Então optamos nessa pesquisa utilizar o termo “Negro” em vista ao reconhecimento das lutas sociais (HALL, 2013).

Estudos revelam que desde a implementação das cotas nas universidades públicas no Brasil, negros e indígenas tem taxas de desempenho igual ou superior a estudantes que não são cotistas; o mesmo vale para as taxas de evasão escolar que revelaram menos que a dos não cotistas (PINHEIRO, 2021). Porém ainda são encontradas dificuldades de permanência nas universidades, seja por fatores socioeconômicos ou adaptativos ao ambiente acadêmico (CANCIO, 2021; BERGAMASCHI, 2018).

Mas porque pesquisar sobre negros nas universidades no contexto Amazônico? Segundo dados do IBGE (2016), a região Norte é a região com menor índice de Desenvolvimento Humano – IDH. Entende-se que o IDH abarca três dimensões: renda, educação e saúde. Além disso é também a região com menos universidades e conseqüentemente com menor índice de matrículas nas Instituições de Ensino Superior – IES em comparação ao restante do país (SEMESP, 2020).

A presente pesquisa possui relevância científica, pois em uma busca feita na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD usando as palavras chaves “cotas + negros + indígenas + ações afirmativas” com recorte temporal de 2013 a 2021, considerando apenas estudos relacionados as universidades federais por estar relacionado a Lei 12.711/2012, revelou 22 trabalhos, divididos entre quinze dissertações e sete teses, sendo que desses escritos não foi encontrado nenhum relacionado a com a região norte ou Amazônia brasileira. Tomando esta pesquisa uma das primeiras nesta região relacionada a essa temática.

Nesse cenário no ensino superior, até pouco tempo dominado completamente pela elite brasileira, emerge a problemática desta pesquisa em: como se configura o processo de acesso, permanência e sucesso no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia?

Assim, esta dissertação tem como eixos norteadores: Como estudantes na Amazônia descrevem suas experiências no processo de formação no ensino superior? Quais as perspectivas de estudantes cotistas quanto à educação no ensino superior? Como se caracteriza as relações étnico-raciais nas universidades na Amazônia?

A partir desses questionamentos este projeto tem os seguintes objetivos; Geral: Compreender o processo formativo de (acesso, permanência e sucesso) de estudantes cotistas nas universidades na Amazônia; Específicos: Identificar as formas de acesso, permanência e sucesso de estudantes cotistas em universidade na Amazônia brasileira; Descrever as vivências e os enfrentamentos dos estudantes cotistas na graduação no contexto Amazônico; Analisar aspectos das relações étnico-raciais vivenciados pelos estudantes cotistas no ensino superior nas universidades na Amazônia brasileira.

A pesquisa está organizada em quatro principais seções. A primeira intitulada, “Ações afirmativas: do mundo para o Brasil”, a qual aborda os aspectos gerais da história das primeiras ações afirmativas no mundo e como se desenvolveu nos primeiros países que aplicaram o conceito de cotas nos principais espaços públicos como universidades, cargos públicos, partidos políticos, postos de trabalhos, além disso traz uma abordagem dos primeiros movimentos das ações afirmativas no Brasil.

Em relação a segunda seção, denominada “Estrutura das relações sociais no Brasil” propõe uma trajetória histórica que perpassa pela formação do povo brasileiro através da mistura de três grandes povos, indígena, portugueses e africano, essa mistura de cultura e “raças” resultou no país que temos hoje com variadas culturas e com tantas mazelas sociais, pois considerando as relações sociais pós abolição da escravidão, ao negro não foi oportunizado a ascensão social que tanto almejava.

A terceira seção aborda os caminhos metodológicos que foram percorridos para a realização desta pesquisa que se qualifica como uma pesquisa qualitativa que teve como técnica de coleta de dados dois instrumentos: o questionário com perguntas abertas e fechadas e grupo focal, ambos de forma virtual em virtude da pandemia da covid-19. Nesse contexto, buscamos os sujeitos desta pesquisa em grupos sociais que estavam dispostos no Facebook, Telegram e Whatsapp, ligados às universidades na região da Amazônia.

E por último temos um capítulo denominado “Resultados da Pesquisa” que revela as vivências e os enfrentamentos de estudantes cotistas nas universidades na Amazônia. Apresentamos através de gráficos o resultado do questionário e posteriormente os dados do grupo focal realizado em ambiente totalmente on-line através da plataforma Google Meet.

## **OBJETIVOS**

### **Geral**

Compreender o processo formativo de (acesso, permanência e sucesso) de estudantes cotistas nas universidades na Amazônia.

### **Específicos**

- Identificar as formas de ingresso no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia brasileira;
- Descrever as vivências e os enfrentamentos dos estudantes cotistas no contexto universitário;
- Analisar aspectos das relações étnico-raciais vivenciados pelos estudantes cotistas no ensino superior.

## 1. AÇÕES AFIRMATIVAS: DO MUNDO PARA O BRASIL

Historicamente, a expressão ação afirmativa:

[...] surgiu nos Estados Unidos da América – EUA num decreto do presidente John F. Kennedy, demandando que “a ação afirmativa assegurasse que os candidatos fossem empregados e que trabalhassem sem consideração de raça, cor, credo ou origem nacional” (SOWELL, 2017, p.12).

Ou seja, a política de ação afirmativa, tinha como objetivo oportunizar igualdade para a população com um processo histórico de escravização, desprezada, marginalizada pela sociedade.

A Índia, país que conquistou sua independência em 26 de janeiro de 1947, foi o primeiro país a proporcionar aos seus cidadãos, a casta dos intocáveis, 15% das vagas, do sistema de cotas em diversos segmentos da sua sociedade como serviços públicos, universidade, cargos legislativos. Outros países como Canadá, Inglaterra, Alemanha, Nova Zelândia, Austrália também adotaram o sistema de cotas com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais (SOWELL, 2017).

Nos Estados Unidos, por exemplo ela começou no início da década de 1960, sua finalidade era proporcionar aos afro-americanos a possibilidade de mobilidade social; a inserção de negros nas universidades não é apenas diminuir as desigualdades raciais entre brancos e negros (PACHECO, 2017).

As cotas foram aprovadas no Brasil em agosto de 2012 pela Lei 12.711. É uma política de ação afirmativa da educação superior onde universidades e institutos destinam 50% das vagas para estudantes oriundos de escolas públicas. Sendo que dentro deste percentual existem reservas para estudantes autodeclarados negros, pardos e indígenas. A partir da aprovação da Lei das cotas as instituições de ensino superior tiveram um prazo de até quatro anos para se adequar.

No entanto, o programa de cotas começou bem antes da aprovação da Lei 12.711 de agosto de 2012. A universidade do Rio de Janeiro em 2003, através de ações afirmativas regulamentou no ano de 2000, pela Lei 3.524, reserva de 50% das vagas a estudantes de escolas pública e posteriormente a Lei 3.708/2001

regulamentada pelo decreto 30.766/2002 determinou a reserva de 40% das vagas de cada curso para estudantes autodeclarados negros e pardos. Tal marco histórico influenciou as demais instituições de ensino superior que aderiram por iniciativa própria a política de cotas. Segundo dados, de 2003 até 2004, 14 universidades no país implementaram cotas nos seus vestibulares sendo que em 2006 esse número chegou a 43 universidades, em 2010 esse número praticamente dobrou chegando a 83 instituições, vale ressaltar que esses índices aconteceram muito antes da Lei Federal de 2012 (GUARNIERI, 2017).

Nesse processo, alguns fatos marcaram a lei das cotas no cenário brasileiro educacional no ensino superior. O primeiro deles foi a conferência de Durban em 2001 – III Conferência Contra Xenofobia e Discriminação Racial na África do Sul, na qual o Movimento Negro denunciou ao mundo o racismo a brasileira, em que há grande disparidade entre negros e brancos em todos os segmentos da sociedade brasileira em consequência do processo histórico de escravidão a qual foi submetida a população negra (CARMO, 2014). Nessa conferência ficou determinado que o Brasil assumiria o compromisso de combater o racismo, onde as universidades institutos e centros federais do país determinassem 50% das suas vagas para alunos advindos de escolas públicas, dentre estes percentuais reserva-se uma parcela para estudantes negros, pardos, indígenas (GUARNIERI; MELO-SULVA, 2017). Assim as ações afirmativas foram vistas como um meio de contrapor o racismo a diversidade da população brasileira no território nacional.

Ao comparamos o Brasil com os EUA quanto ao sistema de cotas nas universidades, percebemos que há um grande atraso na política educacional brasileira o Brasil estava a cerca de quarenta anos atrasado para inclusão de negros e indígenas nas universidades. Quando fazemos comparativos com a Índia, país que na década de 1949 se tornou independente, o Brasil se encontrava 60 anos atrasado. E quando olhamos para o tempo decorrido entre o debate da III Conferência de Durban ocorrido em 2001 e para o ano que foi implementado a política de cotas em 2012 percebemos que se passaram 11 anos para a implementação de cotas no Brasil. Só mostrar o quanto o Estado não estava preocupado com a diminuição das desigualdades sociais, pois:

Os países do mundo hoje considerados como os mais desenvolvidos são aqueles que investiram e investem maciçamente na educação [...] nos países pobres e em desenvolvimento [...] onde as taxas de escolaridade são mais baixas, observa-se coincidentemente também, um fraco desenvolvimento humano [...]. Os indicadores do desenvolvimento humano: saúde, mobilidade socioeconômico, consciência dos direitos individuais, coletivos, etc. são umbilicalmente relacionados com a educação [...] (PACHECO, 2017, p.8).

Como vimos, os indicadores de desenvolvimento humano estão relacionados diretamente à educação. Pacheco (2017), afirma que a discriminação racial também contribuiu para a exclusão ocasionando desigualdades em todos os setores da sociedade. A política de ação afirmativa tem por objetivo diminuir as desigualdades raciais existentes e consequentemente aumentar os índices de desenvolvimento humano.

Nesse processo histórico de implementação de cotas no Brasil. Em 2010, surgem novas discussões quanto ao sistema de cotas, a Universidade de Brasília – UNB, foi questionada na arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental – ADPF, nº 186 sobre a constitucionalidade do sistema de cotas raciais em seu processo de seleção na qual reservava 20% das vagas a estudantes negros. Podemos considerar esse evento com um grande marco na política de cotas, pois apesar de se tratar de uma universidade específica teve uma influência expressiva nas políticas raciais pela sua repercussão nacional no Brasil, que deu resultado favorável na UNB.

Assim, nesse processo de adaptação das universidades públicas a política de cotas, surge críticas e argumentos favoráveis a essa nova realidade. As principais críticas foram quanto a inexistência biológica das raças, uma vez que a ciência comprovou que não existia raças superiores e nem inferiores, então porque criar um sistema de cotas? Não estariam as universidades disseminando o racismo no Brasil? O argumento de que as cotas estariam reparando danos da escravidão a população negra, seria um argumento inválido uma vez que no território nacional não existia discriminação racial tal como aconteceu nos Estados Unidos da América e na África do Sul. E ainda sobre a categoria parda, quem pode se definir como parda? Considerando que o Brasil é um país de maioria mestiços devido ao seu processo histórico de colonização e ainda tem a questão da pobreza em detrimento de exclusão social. Quanto aos argumentos favoráveis as cotas, é evidente que é

um grande ganho para o país uma vez que o Estado estaria trabalhando em uma intervenção quanto as desigualdades raciais e sociais, visto que as ações afirmativas estariam promovendo igualdade entre negros e brancos e oportunizando pluralismo nas instituições (GUARNIERI, 2017).

A população de um modo geral tem dificuldade de aceitar os critérios raciais ao sistema de cotas, porém quando se coloca como critério a desigualdade social é mais bem visto para inclusão dos programas. Outros aspectos relevantes que foram colocados no sistema como marcadores de seleção ao longo dos anos, se constituem em: egressos de escolas públicas, negros, indígenas, portadores de deficiência, cotas regionais, nativos do estado, estudantes de baixa renda, filhos de policial e bombeiros, quilombolas, mulheres etc.

Estudos apontam que o desempenho médio dos cotistas não é inferior aos estudantes que não são cotistas; em alguns casos podemos considerar que são até superiores. A taxa de evasão dos estudantes cotistas é menor em comparação aos estudantes não cotistas (PINHEIRO, 2021). No entanto existem algumas ressalvas quanto aos fatores que contribuem aos cotistas a evasão dos alunos cotistas, são elas: questões financeiras, estudantes que trabalham e que, portanto, tem dificuldade de conciliar estudo e trabalho, questões de transporte, moradia e outras situações que interferem na permanência nas universidades.

Assim, com a entrada de estudantes cotistas nas universidades e a mudança nesse cenário educacional no ensino superior, surgem novas demandas quanto a permanência na universidade a qual precisa buscar meios que os auxiliem no segmento que mais tem dificultado a vida acadêmica, existem uma necessidade de “[...] ampliarmos o debate sobre programas que visem mitigar eventuais deficiência do ensino público, como a expansão do programas de monitoria ou a adoção de um semestre de nivelamento” (PINHEIRO, 2021, p.27).

### **1.1. Meios que dão subsídios a permanência de estudantes nas universidades**

Com a criação das cotas nas universidades brasileiras garantindo o acesso ao ensino superior, entram em debates outras questões, a permanência desses

estudantes. Atualmente existem dois programas que dão subsídios para a permanência desses estudantes. O Plano Nacional de Assistência Estudantil – PNAES e o Programa Bolsa Permanência. Vale destacar que o primeiro programa foi criado em 2010 antes da criação da lei das cotas nas universidades e institutos federais. Sua criação se deu pela adesão das universidades a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, novas Universidades e Sistema de Seleção Unificada - SISU. Onde promovia o ingresso de 680 mil alunos a mais nos cursos de graduação, adesão as universidades ao REUNI, ampliação ou abertura de curso noturno, aumento de números de alunos por professor, flexibilização de currículos e combate à evasão. (RECKTENVALD, 2018).

O PNAES tem o caráter de apoiar estudantes de baixa renda advindos de escolas públicas e privadas, matriculados em cursos de graduação nas instituições federais do ensino superior. O PNAES dá assistência moradia, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico; fica a critério das instituições de ensino superior federais e Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia definir as áreas de pesquisa e extensão que receberão as bolsas de acordo com as demandas dos discentes, uma vez que as universidades têm total autonomia para estabelecer os critérios e a metodologia de seleção dos estudantes que serão beneficiários (BRASIL, 2010). Já o Programa de Bolsa Permanência está voltado especificamente para estudantes indígenas e quilombolas das instituições de ensino superior federal (BRASIL, 2013).

Considerando que existe um binômio entre acesso e permanência na demanda de estudantes nas Instituições Federais de Ensino Superior - IFES, dispomos no quadro a baixo a distribuição dos programas.

Tabela 1: tabela comparativa entre cotas, PNAES E PBP

	Estudantes do ensino superior no Brasil – Critérios de classificação e valores								
	Escolas privadas	Escolas Públicas	Pretos	Quilombolas	Pardo	Indígena	Pessoas com deficiência	Renda = ou < salário mínimo	Valores
Políticas públicas									
Lei das cotas									-----
PNAES									R\$ 400,00
Bolsa Permanência									R\$ 900,00

Fonte: produzido pela autora com base nos dados do MEC e Lei 12.711/2012

Segundo o decreto, a bolsa permanência é para estudantes quilombolas e indígenas, o repasse está no valor de R\$ 900,00 e isso independe da renda familiar. Negros e pardos não estão incluídos nesse programa. Vale destacar que existem dois critérios marcantes para que os estudantes tenham acesso a bolsa, o primeiro está na exigência de documentos que comprovem a condição de quilombola e indígena; e o segundo a matrícula em cursos com cargas horária superior a cinco horas/diárias. Assim quando olhamos para a carga horária dos cursos de graduação das instituições, poucos são os que tem carga horária diária de cinco horas é o caso de curso de medicina, enfermagem e as áreas de engenharias (BRASIL,2013).

Já o PNAES, como se observa no quadro acima, tem um caráter mais abrangente, o provimento consiste no valor de R\$400,00 para estudantes cuja a renda não ultrapasse a 1,5 salários mínimos, destina-se estudantes de escolas pública e privada, não havendo distinção entre classificação racial, dando prioridade a pessoas com deficiência e abarca aspectos que demanda na vida acadêmica dos discentes como moradia, alimentação, transporte etc. (MEC, 2010).

De um modo geral o PNAES e a Lei das cotas estão em consonância em dois segmentos, o primeiro a inclusão de pessoas com deficiência e o segundo ao critério cujo a renda familiar não exceda a 1,5 salários mínimo. Quanto a discordância, podemos observa que a Lei da Cotas tem os critérios de pretos, pardos e indígenas, já o PNAES inclui na sua relação apenas pessoas com deficiência. O que podemos considerar como uma desarticulação entre a Lei da Cotas e o PNAES, porém vale ressaltar que o PNAES foi criando muitos antes da Lei da Cotas.

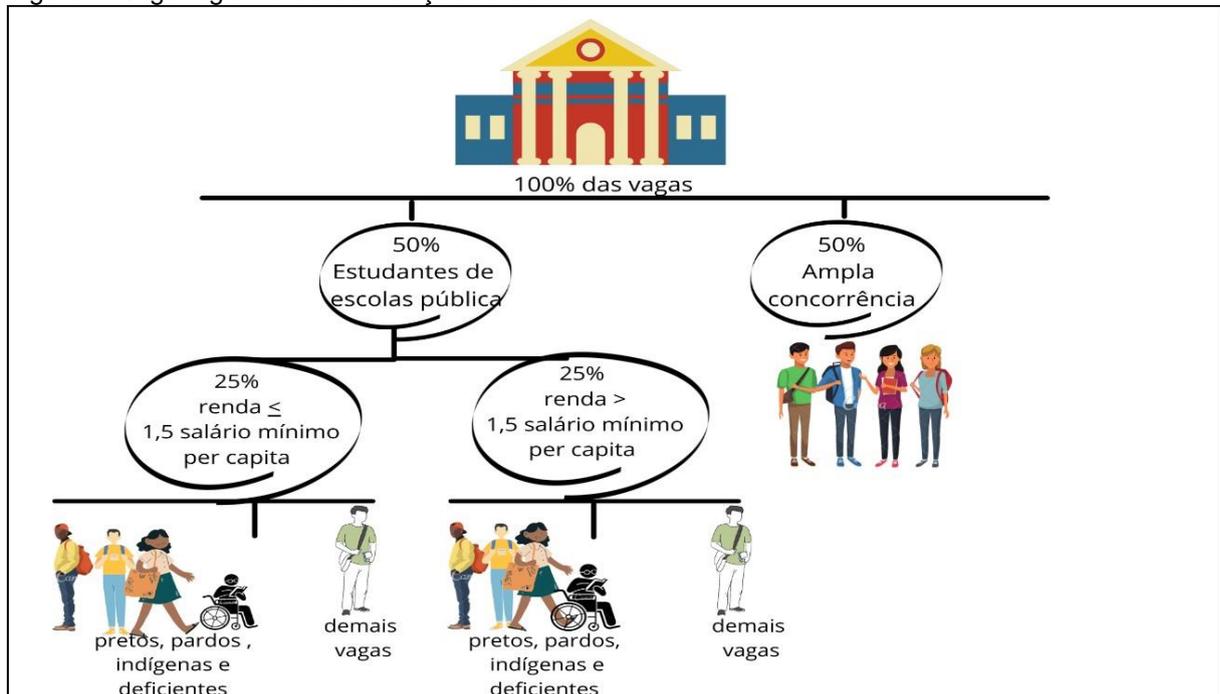
## **1.2. Apontamentos para novos caminhos a Lei 12.711**

Atualmente a Lei 12.711 irá completar 10 anos de vigência em 2022, que é quando ela passará por uma análise que pode ser comprometida, uma vez que existem vários projetos que já estão no processo de tramitação para análise e votação de possíveis mudanças ou não. Dentre deste projeto destacamos a PL

1531/19 que visa acabar com o critério racial de reservas de vagas em universidades e institutos federais de ensino, permanecendo apenas cotas para pessoas com deficiência e a cota social; outro projeto é a PL 4656, de 2020, assegura a continuidade das cotas e sua aplicação às instituições particulares de ensino; o terceiro é a PL 1788/21 transfere para 2041 a revisão de 2022 essa norma prevê que a revisão deverá ser feita a cada 30 anos.

Atualmente a distribuição do sistema de cotas se encontra da seguinte forma: onde os estudantes oriundos do ensino público possuem 50% da reserva de vagas por curso e turno; desses 50% se dividem em dois grupos, os que tem renda igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e os que tem renda superior a 1,5 salários mínimos; dentro destas vagas separa-se as vagas para estudantes pretos, pardos e indígenas, as chamadas cotas raciais, que são disponibilizadas de acordo com o último senso demográfico do IBGE.

Figura 1: Organograma de distribuição de cotas



Fonte: produzido pela autora com base na Lei 12.711/2012.

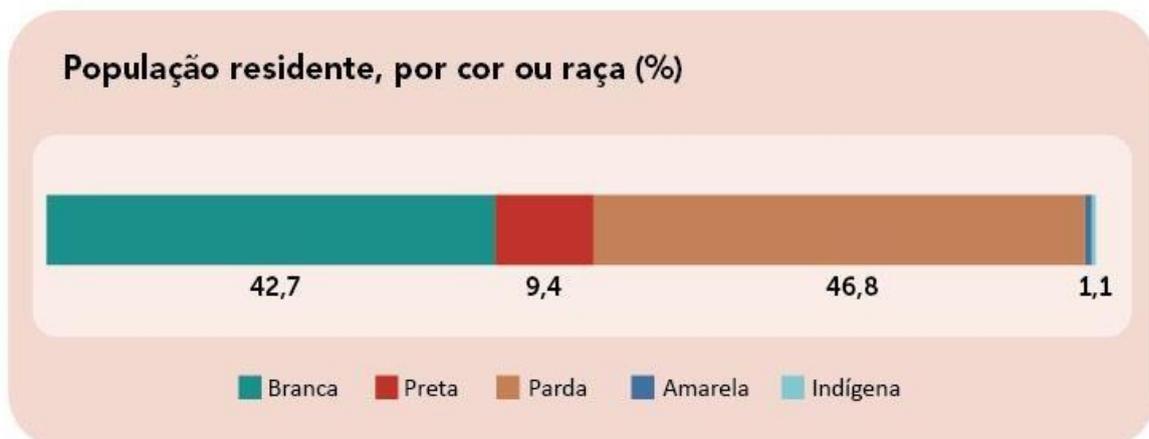
Levando em consideração as três dimensões que foram estabelecidos ao sistema de cotas que são estudantes de escolas públicas, estudantes com renda igual ou inferior a 1,5 salário mínimo per capita, estudantes com 1,5 salário mínimo superior

per capita e cotas raciais. Fazendo uma análise sobre o sistema de cotas atual podemos considerar que o índice de porcentagem disponíveis ao público estudantil não corresponde a real situação da educação básica brasileira. Considerando os dados do IBGE de 2018 as escolas públicas do ensino médio atendem a 87,4% dos estudantes no Brasil, um percentual que abrange mais da metade da população de estudantes do ensino médio. O que nos levaria a pesar que aquele percentual disposto de 50% de cotas para estudantes de escolas pública deveria ser mais da metade, pois existe uma discrepância para com o público alvo e as vagas disponibilizadas nas IFES.

Quanto as rendas familiares, no Brasil segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – PNAD, referente ao ano de 2018 para 2019, o rendimento dos trabalhadores é em torno de R\$2.308. Outro dado que nos chama atenção é que metade da população brasileira nesse mesmo ano de referência possuíam um rendimento de apenas R\$850,00.

E por último, mas não menos importante é o critério de cotas raciais a qual grande parte da sociedade discorda, desde sua criação, esse é um tema bastante polêmico, o qual envolve várias questões dentre elas o mito da democracia racial, discriminação racial e racismo. Considerando que quanto a distribuição por cor e raça, a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – PNAD 2019, mostrou que 42,7% da população brasileira se declararam brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas.

Figura 2: distribuição de cor ou raça em % no Brasil



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Observando a figura 2 acima, podemos considerar que mais da metade da população brasileira é formada por negros, considerando que segundo a classificação do IBGE o termo Negro envolve pessoas pardas e pretas.

### 1.3. Demandas do Ensino Superior no Brasil

Segundo dados do SEMESP (2020) as disposições das matrículas no ensino superior se encontram da seguinte forma no Brasil:

Tabela 2: distribuição de matrículas/população nas instituições de ensino superior no Brasil

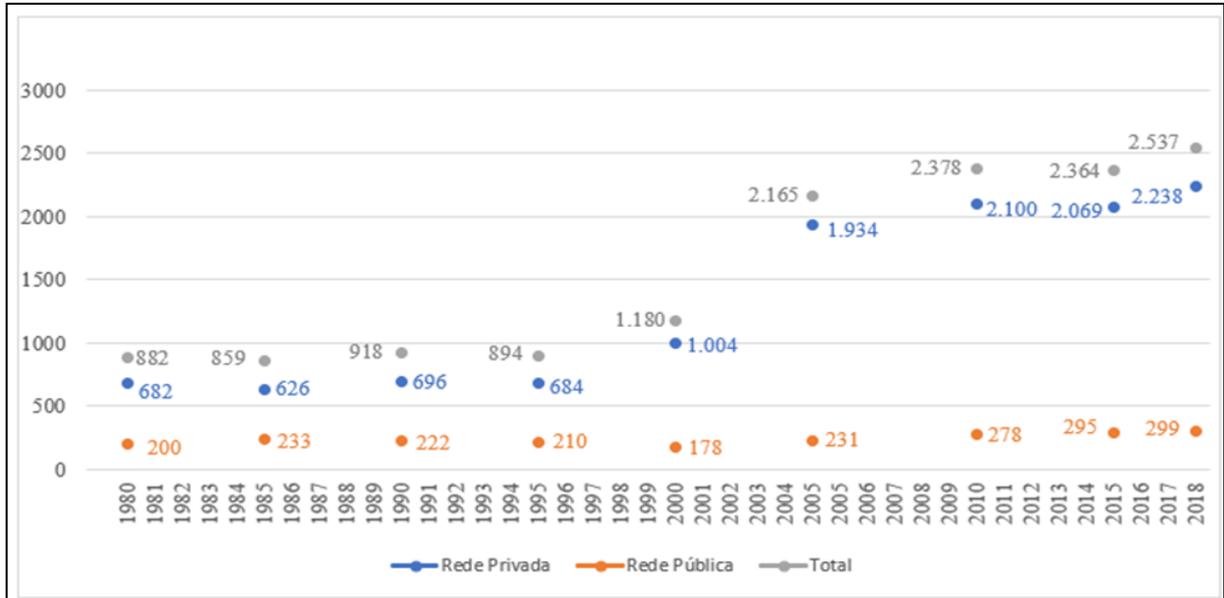
<b>Região</b>	<b>População</b>	<b>%</b>	<b>Matrículas</b>	<b>%</b>	<b>%</b>	<b>Qtde</b>
		<b>População</b>	<b>total</b>	<b>Matrículas</b>	<b>Matriculas</b>	<b>Matriculas</b>
				<b>total</b>	<b>em relação</b>	<b>a cada 100</b>
					<b>a</b>	<b>mil</b>
					<b>população</b>	<b>habitantes</b>
					<b>total</b>	
<b>Norte</b>	18,430.980	8,8%	691.639	8,2%	3,8%	3.753
<b>Nordeste</b>	57,071.654	27%	1,799.761	21,3%	4,2%	3.154
<b>Sudeste</b>	883,371.433	42,1%	3,755.825	44,4%	4,3%	4.250
<b>Sul</b>	29,975.984	14,3%	1,429.029	16,9%	4,8%	4.767
<b>Centro-oeste</b>	16,287.074	7,8%	774.260	9,2%	4,8%	4.751
<b>Brasil</b>	210,147.125	100%	8,450.514	100%	4,0%	4.021

Forte: SEMESP 2020

Como se pode ver o número menor de matrículas se encontra na região Norte do país, com 691,639 mil, com “apenas 8,2% do total dos estudantes do ensino superior brasileiro” (SEMESP,2020). Também é a região que concentra o menor número de instituições de ensino superior em comparação com as regiões sul, sudeste, centro-oeste e nordeste do país.

Quanto a distribuição das IES no Brasil, os dados dispostos abaixo sugerem que:

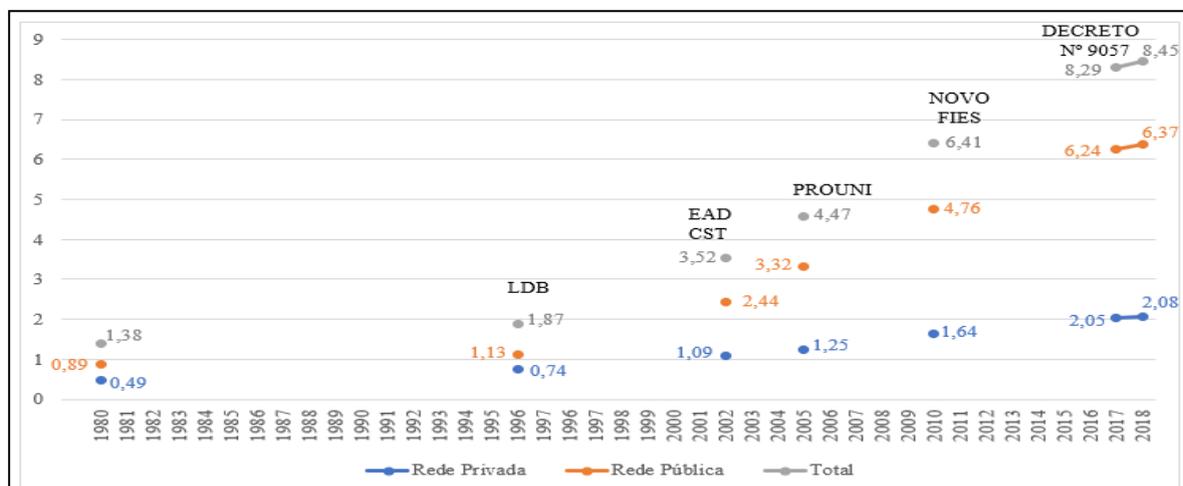
Figura 3: Número de instituições de Ensino Superior no Brasil



Fontes: SEMESP (2020)

A figura acima faz referência a quantidade de instituições no Brasil envolvendo instituições de rede privada, pública e ano. Os dados mostram que houve significativamente um maior crescimento de instituições da rede privada da década de referência de 1980 a 2018. Na figura abaixo temos a quantidade de matrículas no ensino superior em milhões distribuída entre os anos de 1980 a 2018.

Figura 4: matrícula no Ensino Superior em Milhões



Fonte: SEMESP (2020)

Os dados mostram que as matrículas estão concentradas nas instituições de ensino superior privada justamente pela abrangência das políticas como Programa Universidade para Todos – PROUNI, que concede bolsa de estudos de 50% e 100% e o Novo Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – Fies, a qual oportuniza o financiamento da graduação de estudantes de baixa renda. De um modo geral, é uma política um tanto contraditória, pois se o programa dá acesso ao financiamento a quem não pode pagar uma universidade/faculdade, então esse estudante deveria ter acesso a uma universidade pública.

#### **1.4. Política de cotas no contexto Amazônico**

A região da Amazônica corresponde a área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, que:

A Amazônia Legal corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM delimitada no Art. 2º da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007. A região é composta por 52 municípios de Rondônia, 22 municípios do Acre, 62 do Amazonas, 15 de Roraima, 144 do Pará, 16 do Amapá, 139 do Tocantins, 141 do Mato Grosso, bem como, por 181 Municípios do Estado do Maranhão situados ao oeste do Meridiano 44º, dos quais, 21 deles, estão parcialmente integrados à Amazônia Legal. Possui uma superfície aproximada de 5.015.067,749 km², correspondente a cerca de 58,9% do território brasileiro (IBGE, 2019).

Segundo Jesus (2020), toda a região da Amazonia possui ao todo dez Universidades Federais e dessas universidades apenas três universidades aderiram ao sistema de cotas antes da Lei Federal 12. 711/2012. Universidade Federal do Pará, em 2005, foi a primeira a estabelecer uma política de cotas na região da Amazonia onde desse sistema “[...] reserva de 50% das vagas da graduação [...] para estudantes oriundos de escolas públicas, sendo que desses, 40% seriam destinadas a alunos que se autodeclararam pretos” (JESUS, 2020, p. 104). Em 2009 na UPFA, com a Resolução nº 3.689 de 22 de junho, foi estabelecido “[...] duas vagas, por acréscimo em todos os cursos de graduação em todos os campi a indígenas. E [...] vaga por acréscimo em cada curso para pessoas com deficiência.” (JESUS, op. cit, p. 103), pela Resolução nº 3.883, de 21

de junho de 2009.

Nesse contexto a tabela 3 abaixo demonstra a classificação quanto a cota, aonde aplicação, beneficiário e o total de vagas reservadas.

Tabela 3: Política de cotas no contexto Amazônico

<b>Estado</b>	<b>Instituição</b>	<b>Meio de adoção</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano de aplicação</b>	<b>Beneficiário</b>	<b>Total de Vagas reservadas</b>
<b>Pará</b>	UFPA	Resolução Universitária e Lei Federal	Cotas, bônus e acréscimo de vagas	2005	EP, BR, PP, Ind., PCD e Quilombola	54,6%
<b>Maranhão</b>	UFMA	Resolução Universitária e Lei Federal	Cotas	2006	EP, BR, PP, Ind., PCD	59,1%
<b>Mato Grosso</b>	UFMT	Resolução Universitária e Lei Federal	Cota	2008	EP, BR, PP, Ind., PCD	50,5%
<b>Tocantins</b>	UFT	Resolução Universitária e Lei Federal	Cota	2012	EP, BR, PP, Ind., PCD e Quilombola	60%
<b>Rondônia</b>	UNIR	Lei Federal	Cota	2012	EP, BR, PP, Ind., PCD	54,2%
<b>Amapá</b>	UNIFAP	Lei Federal	Cota	2012	EP, BR, PP, Ind., PCD	53%
<b>Amazonas</b>	UFAM	Lei Federal	Cota	2012	EP, BR, PP, Ind., PCD	51,4%
<b>Acre</b>	UFAC	Lei Federal	Cota	2012	EP, BR, PP, Ind.	50%

Fonte: Jesus (2020).

Na tabela a cima os beneficiários estão dispostos da seguinte maneira “[...] estudantes de escola pública (EP), baixa renda (BR), pretos e pardos (PP), indígenas (ind.) , pessoas com deficiência (PCD) e quilombolas.” (JESUS, op. Cit, p. 107). Nota-se que das dez universidades federais apenas três tiveram a iniciativa de implementar a política de cotas, as quais foram a Universidade Federal do Pará, a Universidade Federal do Maranhão em 2006 e a Universidade Federal do Mato Grosso, as demais universidade aderiram depois da Lei 12.711/2012 entrar em vigência.

Com esse panorama institucional das universidades federais no Brasil e na região da Amazônia, temos uma nova face universitária nos espaços da educação superior que agora se encontra com diversidade étnica, racial, com variados aspectos socioeconômicos, com vivências e experiências multiculturais. O que nos remete ao segundo momento deste trabalho com enfoque na região Amazônica.

## 2. ESTRUTURAS DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL

Para se compreender as relações étnico-raciais no campo da educação no ensino superior é preciso elucidar alguns aspectos históricos, culturais e sociais da sociedade brasileira. A forma como o Brasil foi se constituindo ao longo dos séculos desde os primeiros contatos entre portugueses e indígenas, a vinda de africanos na condição de escravos para a América e posteriormente imigrantes europeus, para a mão de obra livre, deu forma as relações étnico-raciais hoje existentes no país.

As relações étnico-raciais hoje no Brasil é fruto do contexto históricos, político e econômico na qual começou no século XVI com a expansão econômica, mercantilista e a chamada “descoberta” das Américas (Almeida, 2020), uma terra considerada pelos europeus como lugar selvagem e ainda inexplorável.

Essas diferenças culturais marcaram e ainda marcam as relações sociais na sociedade, onde a diferença é o ponto de partida para a manifestação do preconceito e discriminação. No Brasil bem como em qualquer outra sociedade existem diferenças como classes sociais, cultural, “raciais”, religião, gênero, etnia etc. (MUNANGA, 2004). A discriminação a essas diferenças de alguma forma ou em alguma circunstância se manifesta na forma concreta nas vivências dos cidadãos brasileiros, mas que muitas das vezes se passa despercebido devido a naturalização da discriminação, preconceito e racismo.

Assim, compreendemos que o preconceito são pensamentos e sentimentos aos quais fazem juízo de valor para com um indivíduo que pertence a um determinado grupo, enquanto que discriminação é a ação baseada em preconceito, tais ações se concretizam em ignorar, excluir, ameaçar, ridicularizar, difamar e violentar. “Quando o preconceito coletivo de um grupo racial é apoiado pelo poder da autoridade legal e do controle institucional, ele é transformado em racismo” (DIANGELO 2018, p.44). Ainda que a constituição brasileira determine que racismo é crime, percebemos ainda a manifestação do preconceito nas relações sociais em diversas esferas e campos da nossa sociedade.

O que nos leva a pensar em como desnaturalizar o preconceito e conscientizar os cidadãos a diversidade existente? “A ideologia é reafirmada na sociedade, por exemplo, nas escolas e nos livros didáticos, nos discursos, políticos, nos filmes, na publicidade, nas celebrações festivas, nas palavras e nas frases” (DIANGELO 2018, p.45). Ou seja, em diversos âmbitos da esfera social,

educacional, político e entretenimento. Hoje no início século XXI temos a Lei 10.639/03 que consiste na obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira na grade curricular do ensino fundamental e médio. O dia da Consciência Negra, em 20 de novembro, a data é o aniversário da morte de Zumbi dos Palmares, o qual se tornou símbolo na luta pela valorização as características estéticas e culturais (SILVA, 2015), ambos frutos da luta do Movimento Negro, a Lei 7716, a qual define os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor, e temos visto nos últimos anos mais pessoas negras nos espaços de comunicação, nas propagandas e em filmes com papéis de destaques, ainda que sejam poucos consideramos um avanço.

## **2.1. A formação de uma nova nação**

O processo histórico de formação do povo brasileiro envolveu grande eventos históricos que marcaram e estão vivas nas relações sociais existentes hoje na sociedade brasileira. O primeiro contato dos portugueses com os povos indígenas foi marcado pelo que conhecemos como escambo, que consistia na troca de mercadorias sem fazer uso do dinheiro. Essa interação entre duas culturas diferentes, duas visões de mundo diferente acabaram mais tarde na escravização e morte de milhões de povos indígenas no Brasil.

As relações entre homens europeus e mulheres indígenas que se deu no início da colonização com a prática do cunhandismo, “[...] velho uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade. Consistia em lhe dar uma moça índia como esposa.” (RIBEIRO, 2015, p. 63), tal prática culminou no que podemos considerar no nascimento dos primeiros brasileiros no Brasil, conhecidos como mamelucos ou brasilíndios.

“Os negros do Brasil, trazidos principalmente da costa ocidental da África, foram capturados meio ao acaso nas centenas de povos tribais que falavam dialetos e línguas não inteligíveis uns aos outros.” (RIBEIRO, 2015, p. 87). Pode-se considerar como uma estratégia dos colonizadores para oprimir e evitar possíveis revoltas contra si.

A diversidade linguística e cultural dos contingentes negros introduzidos no Brasil [...] e a política de evitar a concentração de escravos oriundos

de uma mesma etnia, nas mesmas propriedades, e até nos mesmos navios negreiros, impediu a formação de núcleo solidário [...]” (RIBEIRO, 2015, p. 87).

Nunca terra longínqua, de culturas diferentes, realidades geográficas novas e numa perspectiva de vida totalmente diferente do que se conhecia, assim se encontravam os africanos no Brasil, “[...] diferentes na língua, na identificação tribal [...] os negros foram compelidos a incorporar-se passivamente no universo cultural da nova sociedade” (RIBEIRO, 2015, p.87).

## **2.2. Classificação racial: uma ideologia de dominação**

Na história da humanidade muito antes de existir o conceito de raça já existia manifestações de preconceito nas relações entre seres humanos. Quando um povo exerce a prática da escravização é porque acredita que lhe é superior ao ser humano escravizado. Temos vários exemplos dessas manifestações animais de exercer poder sobre o outro, é o caso da escravização dos negros, indígenas, o extermínio em massa dos judeus e muitos outros grupos humanos na Segunda Guerra Mundial, que levou a Alemanha a acreditar numa ideologia de uma raça superior e pura.

Historicamente o conceito de raça não é estático e está em conformidade com as circunstâncias históricas da humanidade, ou seja, por trás do conceito de raça temos a ideologia de dominação para com o outro a fim de obter vantagens econômicas e sociais (ALMEIDA, 2020). As ideologias são constituídas por pensamentos e visões que avaliam o mundo segundo as ideias que as pessoas tem na compreensão do mundo social e manifestadas através da linguagem e comportamentos na esfera social (HALL, 2013). Nesse Caso a ideologia da classe dominante é dominar e espalhar as concepções de raças a fim de subjugar para obter lucro em prol de riquezas, para permanecer no poder. O conceito de raça surgiu primeiramente para classificar plantas e animais na Zoologia e na Botânica, em meados de 1707-1778 o naturalista sueco Carl Von Linné, usou o conceito para classificar 24 plantas em raças ou classes, posteriormente sua classificação caiu em desuso.

Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça começa a ser utilizado nas relações sociais na França, com o intuito de separar a nobreza da plebe, onde a nobreza seria uma raça pura colocando as demais camadas sociais em uma espécie de desqualificação. Começa então o conceito de raça pura que saiu do campo da botânica para entrar nas relações sociais com a finalidade de dominar os sujeitos que não faziam parte da nobreza (MUNANGA, 2010).

De uma forma geral quando olhamos para a humanidade percebemos que existe uma diversidade de seres humanos que se parecem, mas que ao mesmo tempo se difere através de suas características físicas, culturais, psicológicas etc. O que nos leva a pensar, quais são as fronteiras das semelhanças e diferenças entre os seres humanos?

A ciência ao longo do tempo buscou explicar essas diferenças, na Europa nasce então em meados do século XVIII a XX as ideias racialista, que se espalhou pelo mundo, a qual Todorov (1939) coloca que essa doutrina é uma ideologia das raças que possuem cinco vertentes, são elas 1 - a existência das raças, a qual considera a existência das raças, onde os membros possuem características físicas comuns; 2 – a continuidade entre o físico e o moral, aqui as características físicas influencia na moral, ou seja as diferenças físicas são fatores determinante nas diferença culturais; 3 – a ação de grupos sobre o indivíduos, o comportamento do indivíduo depende do grupo racial-cultural ou étnicos a qual está inserido, então porque fazer distinção entre raça e cultura se os indivíduos agem independente do grupo a que pertencem; 4 – hierarquia universal dos valores, aqui há uma crença numa hierarquia das raças, considera-se umas superiores a outras, é um pensamento etnocêntrico em que o grupo de indivíduos que estão no topo da hierarquia social da sociedade determinam essa hierarquia e 5 – política baseado no saber, em que consideram a raça inferior como submissa e até mesmo passiva de ser exterminada, foi o que aconteceu na Alemanha nazista, e se olharmos para a história do Brasil na colonização, foi o que aconteceu com os povos indígenas e africanos.

Percebe-se que sempre foram empregados que o homem branco advindo de países europeus estaria destinado a conquista do mundo e dizer como as pessoas devem viver colocando uma hierarquização a partir das suas características fenótipos, culturais e modos de vida.

Após a Segunda Guerra Mundial, seguida do desmonte político ideológico das concepções de raça, foi quando a comunidade científica internacional chegou à conclusão de que as ideias sobre raças como critério de classificação das diferenças humanas deveriam ser revisadas e até mesmo invalidadas. Assim, no final da década de 1940, a Unesco inicia uma campanha para dar início ao combate ao ódio racial com a finalidade de prevenir o surgimento de regimes como na Alemanha nazista. Nesse contexto, o Departamento de Ciências Sociais, desenvolveu uma equipe de antropólogos, sociólogos e psicólogos com o intuito de fazer coletas de dados científicos para redefinir o conceito de raça e reformular novos termos a respeito das diferenças raciais (Hofbauer, 2006). Somente com esse marco histórico que o mundo se importou em mudar as concepções de raça, mais tarde ficou comprovado pela ciência por meio da genética que os seres humanos tem marcadores genéticos iguais e que, portanto, não há raças inferiores e nem superiores, todos somos iguais.

### **2.3. Estruturas das relações sociais pós abolição no Brasil**

A abolição da escravatura no Brasil aconteceu em 13 de maio de 1888, na qual a princesa Isabel, assinou a Lei que abolia a escravatura do país. Com uma economia predominantemente agrária, o Brasil não deu condições sociais para que essa parcela da população que acabara de sair do sistema escravocrata fosse inserida a sociedade. O paternalismo imperava nas relações sociais tanto no campo como nos grandes centros urbanos. “[...] o meio milhão de escravos liberts em 1888 ingressou, assim, numa estrutura complexa, que já incluía homens livres de cor (de todas as tonalidades) [...]” (SKIDMORE, 1976, p.55).

Vale ressaltar que antes da abolição da escravatura o Brasil já possuía um número significativamente de homens de cor libertos. No século XVIII, já havia uma população de escravos maior do que os homens brancos, entretanto, essa situação mudou com a imigração europeia que mudou o status da distribuição de pessoas no território nacional, onde ficou concentrado no sul e sudeste a população imigrante da Europa (SKINDMORE, 1976).

Após a abolição da escravatura o negro continuou ainda sendo visto como

um ser inferior pela sociedade que estava saindo do sistema escravocrata e entrando num sistema capitalista e a herança cultural colonialista deturpava a visão de negros e brancos, onde:

O negro era paradoxalmente enclausurado na posição de liberto: a ele cabia o papel do disciplinado – dócil, submisso e útil – enquanto o branco agia como autoritarismo, por vezes paternalista, que era característico da dominação senhorial (SOUZA, 1983, p.21).

Atrelado a essa visão, o Brasil foi influenciado pela cultura científica europeia a respeito da classificação de seres humanos enquanto raça. Onde, “[...] por volta de 1860, [...] as teorias racistas tinham obtido o beneplácito da ciência e plena aceitação por parte dos líderes políticos e culturais dos Estados Unidos e da Europa.” (SKIDMORE, 1976, p. 65).

Para a mudança desse quadro na sociedade paternalista brasileira, a ascensão social se tornou o meio para que o negro fosse visto como gente, onde o tornaria um cidadão de respeito e digno da sociedade, pois “naquela sociedade, o cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram os “serviços-de-branco”, ser bem tratado era ser tratado como branco” (SOUZA, 1983, p.21). Dentro dessa configuração social em que há relações de poder e de classe o negro se viu na condição de “[...] assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente.” (SOUZA, 1983, p.21).

Assim, “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será” (FANON, 2008, p.32). A negação de si mesmo e da cultura para ser aceito no mundo padronizado que dava seus primeiros passos no sistema capitalista era considerado nesta transformação de vir-se como gente e ser reconhecido como gente ao ascender socialmente, deixava-se de ser preto ou mulato e visto como um homem importante, submetendo-se aos papéis sociais na qual lhe era pedido constantemente provas de sua “[...] capacidade de ser, de pensar e de agir como equivale moral do branco.” (SOUZA, 1983, p.23).

“A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais [...] é a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias” (SOUZA, 1983, p.23), na busca de ser aceito, ser visto como ser humano, ainda que transfigurando-se da sua verdadeira identidade.

### 3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Apresentaremos aqui o delineamento metodológico da pesquisa em questão, buscamos objetivar conhecer as camadas que fazem parte desse processo dos estudantes cotistas no ensino superior, mas que não está de certa forma exposta aos nossos conhecimentos. O que nos remete a levarmos a pesquisar sobre o processo histórico de escolarização de pessoas negras e indígenas para entendermos os significados bem como o impacto de políticas públicas hoje existentes para o acessos desses jovens ao ensino superior.

Assim, “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador” (MINAYO. 2016, p.14). A mesma autora considera que “[...] a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.” (2016, p.15). O pesquisador ao adentrar a campo é importante que ele tenha em mente com muita clareza as concepções filosóficas e conceitos dos instrumentos de pesquisa justamente com o objetivo de atingir os resultados que se deseja chegar.

As pesquisas em educação nos últimos anos têm ganhado um novo significado. O positivismo por um longo período teve suas influências nas ciências humanas, usando de métodos quantitativos os quais ofereceram resultados precisos as ciências sociais, no entanto, existem achados nas ciências humanas que não podem ser quantificados, essas concepções surgiram em pesquisas etnográficas, no campo da Antropologia. A pesquisa qualitativa foi ganhando espaço e “[...] começaram a elaborar programas de tendências qualitativas, para avaliar, por exemplo, o processo educativo, e a propor “alternativas metodológicas” para a pesquisa em educação.” (TRIVIÑOS. 1928, p. 116).

Para Minayo (2016, p.16) a pesquisa é uma “[...] atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atua frente à realidade do mundo.” Ou seja, é através das pesquisas que nos é revelado o que até então não estava ao alcance das nossas percepções de mundo. Os resultados das pesquisas têm como um dos objetivos melhorar a vida em sociedade.

Minayo (op.cit. p.20- 21) considera que:

O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objetivo da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de investigação, pois as pesquisas qualitativas são evidenciadas em pesquisas sociais uma vez que, possuem características peculiares como o estudo do significado da vida das pessoas em seu contexto; apresenta também as opiniões e perspectivas do objeto a ser pesquisado; contempla o contexto ao qual as pessoas vivem; ajuda a explicar comportamentos humano e tem múltiplas fontes que podem levar ao resultado da pesquisa (YIN, 2016).

Bogdan e Biklen (1994) enunciam cinco características fundamentais nas pesquisas qualitativas. São elas:

1. O ambiente natural nas pesquisas qualitativas é considerado como fonte direta para se obter dados pois “ressaltam a importância do ambiente na configuração da personalidade” (TRIVIÑOS, 1928, p.128).
2. Os dados retirados em pesquisas qualitativas são descritivos, ou seja, consideramos as palavras e não números. Capaz de captar a essência. “Os dados incluem transcrições de entrevista, notas de campo, fotografia, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais.” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 48)
3. Processo em pesquisas qualitativas são mais importantes que o produto. Em pesquisas em educação damos mais ênfase no processo, uma vez que as técnicas nessa pesquisa demonstram o antes e depois.
4. Os dados são analisados de forma indutiva, ou seja, partem da percepção de fenômenos advindos da realidade em um dado contexto do indivíduo (TRIVIÑOS, 1928).
5. O significado é o centro na abordagem qualitativa. Pois, “Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.50).

Na abordagem qualitativa, o processo de como a pesquisa se constitui não é

de forma isolada, mas consideramos todas as partes em uma pesquisa de forma que estão entrelaçadas. A fundamentação teórica apoia todo o processo de investigação (TRIVIÑOS, 1928).

### **3.1. Primeiros passos**

Dada a natureza da pesquisa, o pesquisador deve considerar como primazia a pesquisa bibliográfica, descrita como um momento de exploração e também a base do material do objeto que se pretende estudar. No primeiro momento o pesquisador deve fazer levantamento bibliográfico de acordo com a sua temática, pode ser considerado uma fase exploratória, uma vez que buscará materiais e selecionará os relevantes. A busca pode se dar em plataformas oficiais de revista eletrônica científica, livros publicados, artigos científicos, periódicos (GIL, 1946). Além de considerar a participação de grupos de discussão, com propósito de enriquecer a temática da pesquisa.

É um momento de construção da fundamentação teórica e de grande reflexão que envolve a seleção do material, leitura, fichamento e escrita e pode ocorrer antes e durante e após a pesquisa de campo quando necessário. (GIL, op.cit.).

### **3.2. Instrumentos de coleta de dados**

A coleta de dados desta pesquisa se dará em dois momentos. No primeiro momento faremos uso do questionário com o intuito de captar o nosso público alvo e também consideramos que “O questionário constitui hoje uma das mais importantes técnicas disponíveis para a obtenção de dados nas pesquisas sociais.” (GIL, 1987, p.124).

No segundo momento, na área de pesquisas qualitativas, o método grupo focal vem se destacando, pois é uma técnica útil para se obter resultados de pesquisas muito mais rápido, pois, estabelece algumas características próprias que faz com que o objetivo do estudo seja alcançado. O método grupo focal começou a muito tempo “[...] como técnica de pesquisa em *marketing* nos anos 1920 e usado [...] nos anos 1950 para estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra”

(GATTI, 2005, p.7). Ao longo dos anos, esse método foi crescendo e se tornando parte em pesquisas, como em educação, além de se envolver em diversos segmentos das ciências.

Como método de coleta de dados, o grupo focal, consiste em um grupo de pessoas com características em comum, segundo o que o pesquisador pretende pesquisar. As discussões são conduzidas pelo moderador que precisa ter em mãos um roteiro próprio sobre a temática. Alguns critérios devem ser observados para se trabalhar com essa abordagem. Os participantes são selecionados conforme características em comum, além disso as pessoas selecionadas devem ter experiências no dia a dia que indicam que elas vivenciaram e, portanto, estão aptas para trazer à discussão elementos necessários (GATTI, 2005). Esta técnica pode ser combinada com questionário que pode ser aplicado antes e depois da realização do grupo focal.

A Organização Mundial da Saúde - OMS classifica como uma pandemia o momento em que estamos vivendo, a Covid-19, os altos índices de contágios, seguido de números de mortes em todo o mundo e também nas capitais e cidades brasileiras levaram ao isolamento social. Levando em consideração que muitas faculdades e universidades optaram por fazer aulas remotas e observando o cenário de incertezas que estamos vivendo no Brasil, optamos por fazer esta pesquisa utilizando meios tecnológicos, via internet, uma vez, que indica segurança tanto para o pesquisador quanto para o seu objeto de pesquisa.

Assim, a coleta de dados se dará no ambiente virtual, ao qual se fará uso de instrumentos tecnológicos. Pesquisadores sociais têm considerado o uso de tecnologias e a internet como um meio para se obter dados. É um espaço de interação social, de trocas de experiências e de aprendizados em muitos segmentos. Uma vez, que pesquisas via internet tem se mostrado tão eficaz quanto presencial (BRAUN, 2019). Direccionamos o método grupo focal, fazendo uso da ferramenta Google Meet, através da internet.

### **3.3. O uso do questionário em pesquisa sociais**

“Podemos definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos [...]

(GIL, 1987, p. 124). No entanto existem vantagens e desvantagens na utilização deste procedimento. As vantagens, são de atingir um número muito elevado de pessoas, neste caso a distribuição por Whatzapp é uma grande vantagem considerando que os meios tecnológicos nunca estiveram tão presentes na vida pessoas, além de garantir anonimato, o público alvo pode responder quando achar melhor, além de o pesquisado não ser influenciado pelo pesquisador.

Quanto a desvantagens, se configura no campo da oscilação da internet ou falta dela, na possibilidade do pesquisado não querer entrar em contato com o pesquisador para esclarecer possíveis dúvidas ao responde o questionário.

### **3.3.1 As formas das perguntas no questionário**

As perguntas podem ser classificadas em perguntas abertas, fechadas ou duplas. Onde as perguntas abertas são aquelas que dão a oportunidade de o pesquisado responder com suas próprias palavras; já as perguntas fechadas se constituem em repostas que são fixadas entre sim ou não ou em múltiplas escolhas. As perguntas duplas se constituem em perguntas fechadas e outra aberta na qual dá a possibilidade do participante de justificar sua resposta ou de elucidar sua resposta (GIL,1987).

Nesta pesquisa optamos com considerar as perguntas abertas, fechadas e duplas, justamente para alcanças os objetivos desta pesquisa. Uma vez que o instrumento a está em processo de elaborado precisa-se voltar aos objetivos da pesquisa para queo pesquisador consiga alcança-los.

### **3.4. Grupo focal síncrono e o pesquisador**

O grupo focal on-line tem as características de um grupo focal presencial, porém observamos vantagens e desvantagens pelo fato de não ser presencial. Uma das vantagens está no fato de poder reunir pessoas de diferentes lugares sem que haja necessidade de deslocamento dos indivíduos e do próprio pesquisador. Uma das desvantagens que podem acontecer, é o fato do difícil

acesso a internet bem como a oscilação da rede e dispositivos eletrônicos que facilitem a interação.

Levamos em consideração as observações de (BRAUN, 2019), quanto a utilização de grupo focal, mas trazendo para o uso da ferramenta Google Meet. O grupo focal on-line facilita a interação entre os participantes, talvez mais efetiva do que presencial. Os sujeitos da pesquisa ao fazerem uso da ferramenta Google Meet podem optar por ligar a câmera e interagir por imagem e voz ou se preferirem comunicar-se apenas por voz ou chat. Vale lembrar que a qualquer momento ou etapa da pesquisa os sujeitos tem liberdade de desistirem de participar da pesquisa sem justificativa.

### **3.5. Etapas para a realização do grupo focal on-line**

Neste momento o pesquisador precisa deixar bem claro como será a execução de sua pesquisa, uma vez que para se chegar a atingir os objetivos que se pretende adquirir, precisamos elucidar passo a passo para que o objeto da pesquisa não se perca no caminho. Por isso, descreveremos aqui em seis passos recomendações ao fazer uso do método grupo focal on-line. Levamos em consideração as observações de Braun (2019), porém foram realizadas adaptações para a nossa realidade e para os objetivos que se pretende alcançar.

#### **3.5.1. Sujeitos da pesquisa e números dos participantes**

Traremos as considerações de Gatti (2005, p. 7) quando diz que para selecionar os participantes da pesquisa para o grupo focal:

Privilegia-se segundo alguns critérios - conforme o problema de estudo -, desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/ expressivo. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas.

Os sujeitos que pretendemos evidenciar nesta pesquisa são alunos negros ou pardos e indígenas do ensino superior, em situações economicamente fráglil e que conseguiram adentrar nas universidades públicas ou privadas. Nos grupos focais presenciais são recomendados a participação de seis a doze pessoas, considerandoas recomendações para se fazer a pesquisa on-line.

### **3.5.2. Meios de divulgação a ser utilizado**

Para recrutamento dos indivíduos que farão parte do grupo focal da pesquisa faremos divulgação sobre a temática da pesquisa em grupos de WhatsApp e Telegram, por meio de uma carta convite a qual conterá as devidas informações necessárias para que os participantes estejam cientes da temática da pesquisa. Esses grupos de WhatsApp e Telegram são grupos onde existem diversos estudantes de variados cursos de instituições diferenciadas do Brasil.

Nessa carta convite será exposto o objetivo da pesquisa bem como a instituição que está vinculada, link para a inscrição, termo de livre consentimento e esclarecimento e captação de e-mail para que no dia e hora marcada os participantes da pesquisa possam entrar e fazer parte desta pesquisa.

### **3.5.3. Construção da temática a ser abordada**

Esclarecemos que ao trabalhar com grupo focal não estaremos fazendo perguntas para se obter respostas, pois o que caracteriza o grupo focal é o fato da reunião de um grupo de pessoas com características em comum e com o propósito de comentar ou discutir um tema o qual é o objeto de estudo do pesquisador (GATTI,2005). O moderador tem o papel de “cuidar para que o grupo desenvolva a comunicação sem ingerências indevidas da parte dele, como intervenções afirmativas ou negativas ou outras formas de intervenções direta.” (GATTI, op.cit., p. 8).

O moderador deve construir temas de discussão que estão de acordo com o que se pretende evidenciar na pesquisa com o objetivo de chegar às percepções dos participantes dos grupos, pois neste método não há respostas certas ou erradas, massim opiniões de vista diferentes.

#### **3.5.4. Definição do espaço on-line para a realização do grupo focal**

O software Google Meet, vinculado a plataforma Google, ao qual tem diversas ferramentas que milhares de usuários fazem uso todos os dias, e que está ao alcance de diversos dispositivos móveis, como tablets, celulares e notebooks e também para computadores. A escolha por essa plataforma se deu pela grande abrangência que ela tem alcançado nos últimos meses, no caso o público estudantil em quase todas as modalidades de ensino. Consideramos que existem vários serviços que estão interligados entre si, capazes de suprir as necessidades desta pesquisa.

#### **3.5.5. Execução do grupo focal on-line**

O tempo de duração de cada interação de um grupo focal dura em média 1h30min e não mais que 3h. A quantidade de encontros vai depender da dimensão da pesquisa e da temática. Que pode ser alcançada em uma ou duas sessões, outros autores recomendam que se faça a utilização de grupos focais diferentes constituindo assim em agrupamento de diferentes pessoas, mas com características descritas na pesquisa. (GATTI, 2005).

Sabendo que o planejamento é fundamental para o sucesso desta empreitada, consideramos que após fazer a captação do nosso público alvo e ao obter o consentimento dos participantes, agendaremos um horário para a realização do grupo focal com quinze dias de antecedência. Na semana que se fará a reunião enviaremos um e-mail aos participantes com um link para o acesso à reunião com o horário agendado. Um dia antes o participante será lembrado, através do contato que disponibilizou. No dia da realização do grupo focal é necessário que o moderador fique on-line antes do horário agendado para receber e dar boas-vindas aos participantes na sala Google Meet. (BRAUN, 2019).

Ao moderador cabe dar boas-vindas aos participantes, se apresentar e falar dos objetivos da pesquisa, bem como esclarecer dúvidas e perguntas que podem surgir. Para começar é recomendado que os participantes se apresentem. O moderador pode colocar a temática que já foi preparada e esperar a

contribuição dos participantes. O que queremos não são respostas prontas e sim percepções dos participantes.

### **3.6. Método de análise de dados da pesquisa**

Com os dados da pesquisa em mãos, Gatti (2005) considera que a análise é feita de acordo com os parâmetros de uma pesquisa qualitativa em ciências humanas. O pesquisador deve considerar voltar aos seus objetivos e revê-los com o intuito de verificar se o que foi proposto foi alcançado.

O pesquisador deve começar pela organização do material, seguido pela descrição, análise e interpretação. Minayo (2016) considera que não há uma ordem certa ao se fazer a análise dos dados pois, podem ocorrer enquanto o pesquisador ainda está em campo colhendo os dados de sua pesquisa. É interessante também que o pesquisador percorra a sua base teórica durante e após a pesquisa, uma vez que ajuda no tratamento de dados.

A análise de dados será realizada de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (2016) que consistem em três etapas:

1º Pré - análise - nesse primeiro momento buscaremos organizar os materiais “[...] essa fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 2016, p.125)

2º Exploração do material - essa etapa consiste em “[...] operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.” (BARDIN, 2016, p.131)

3º Tratamento dos resultados e Interpretação - compõe das conclusões do autor que consiste em fazer relações do parecer técnico no processo de análise e resultados (BARDIN, 2016).

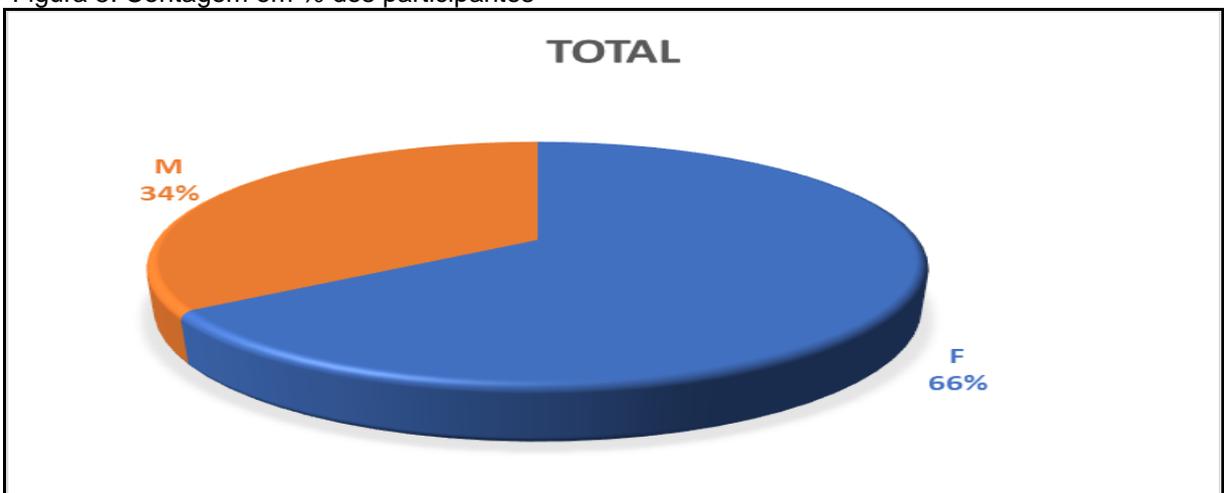
## 4. RESULTADOS DA PESQUISA

Com a aprovação do projeto na qualificação, seguimos para a submissão desta pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa – CEP, o qual nos foi concedido a aprovação para dar seguimento a pesquisa. Observamos as contribuições da banca para o questionário e as observações do CEP tanto para o questionário, quanto para o grupo focal. Então esta pesquisa se constituiu em dois momentos, a coleta de dados pelo questionário e no segundo momento o grupo focal. O questionário foi distribuído em grupos de estudantes de WhatsApp, Telegram, grupos de estudantes de Facebook de várias universidades da região norte. Os estudantes que participaram desta pesquisa são estudantes de diversos cursos, assim como também como estudantes da pós-graduação, os quais posteriormente convidamos 10 estudantes para a fazer parte do grupo focal on-line, destes 10 estudantes, 6 aceitaram, mas apenas 4 puderam participar.

### 4.1. Participantes da pesquisa

Participaram do questionário da pesquisa  $n= 35$  estudantes, de diversos cursos de graduação e pós-graduação, sendo 23 do sexo feminino e 12 do sexo masculino com idades entre 19 e 57 anos que participaram da pesquisa voluntariamente e anonimamente após receberem o link observando procedimentos éticos vigente.

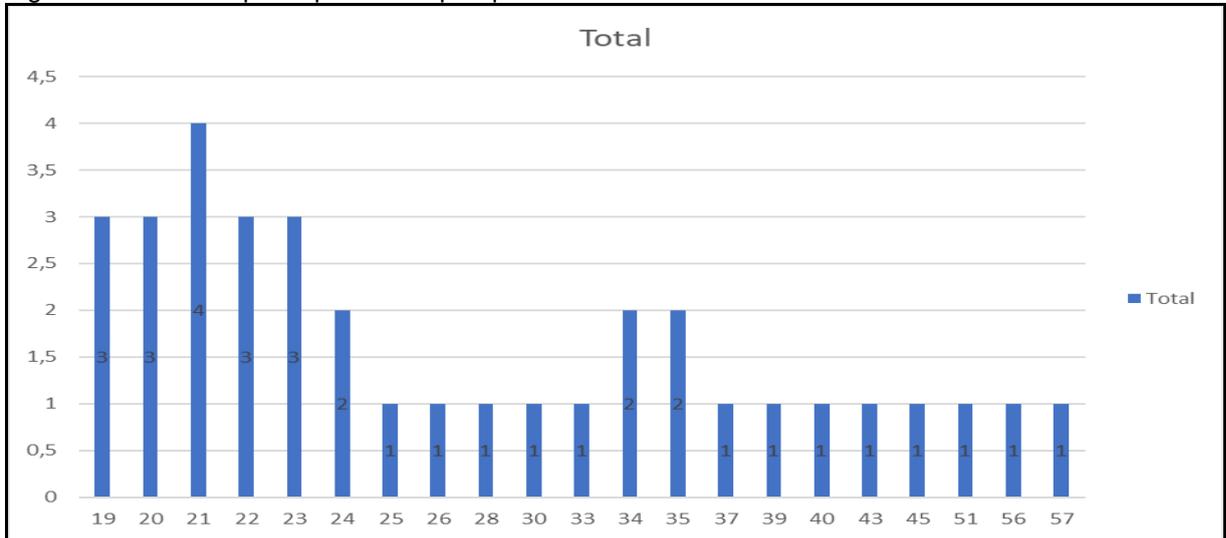
Figura 5: Contagem em % dos participantes



Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Temos um total de 34% do sexo masculino e 66% do sexo feminino. Quanto a idade dos participantes da pesquisa segue o gráfico abaixo:

Figura 6: Idade dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Esta pesquisa alcançou um público de estudante na idade entre 19 anos a 57 anos.

#### 4.2. Instrumento de coleta de dados

O instrumento questionário e as temáticas do grupo focal de nossa própria autoria, utilizado para a coleta dos dados foi organizado em 25 questões abertas e fechadas, contendo perguntas duplas no questionário. No grupo focal, abordamos 6 tópicos, sendo o 1º - Acesso e permanência na universidade; 2º - Percepção quanto ao ensino superior; 3º - Dificuldades aprendizagem; 4º - Relações interpessoais; 5º - Percepção, discriminação por origem étnico-racial; 6º - Perspectivas acadêmicas.

#### 4.3. Procedimentos de coletas, tratamento e análise de dados

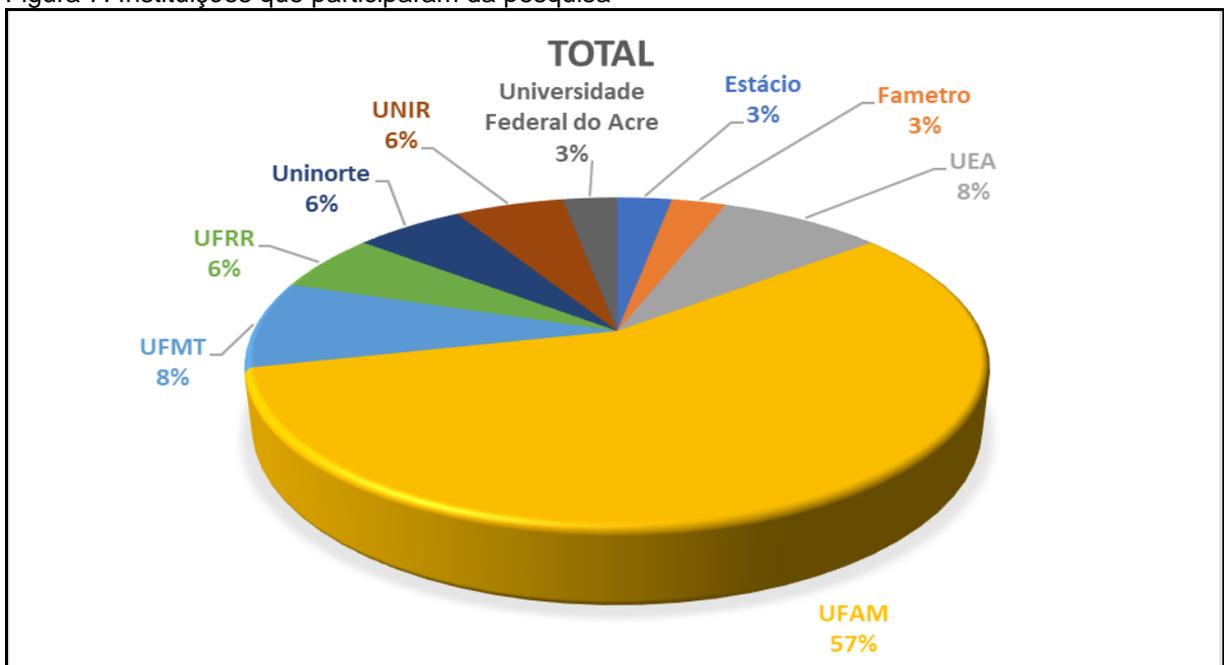
No primeiro momento os dados foram coletados por meio do envio de uma carta convite a qual apresentava a pesquisa, e em seu corpo continha um link

para o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE e que logo em seguida ao aceitar participar da pesquisa o participante era direcionado diretamente para o questionário do Google Forms. A distribuição da carta convite se deu via WhatsApp. Posteriormente redigimos um texto em forma de convite com o link do questionário e distribuimos em grupos de estudantes do Telegram, grupos de estudantes do Facebook e WhatsApp novamente. A coleta de dados nesse formato foi até o dia 18 de novembro de 2021, depois os dados foram transportados para o programa Excel e realizado o tratamento de acordo com os objetivos da pesquisa.

#### 4.4. Resultados da pesquisa: questionário

O gráfico abaixo mostra que participaram desta pesquisa estudantes de variadas instituições de ensino superior da região norte.

Figura 7: Instituições que participaram da pesquisa



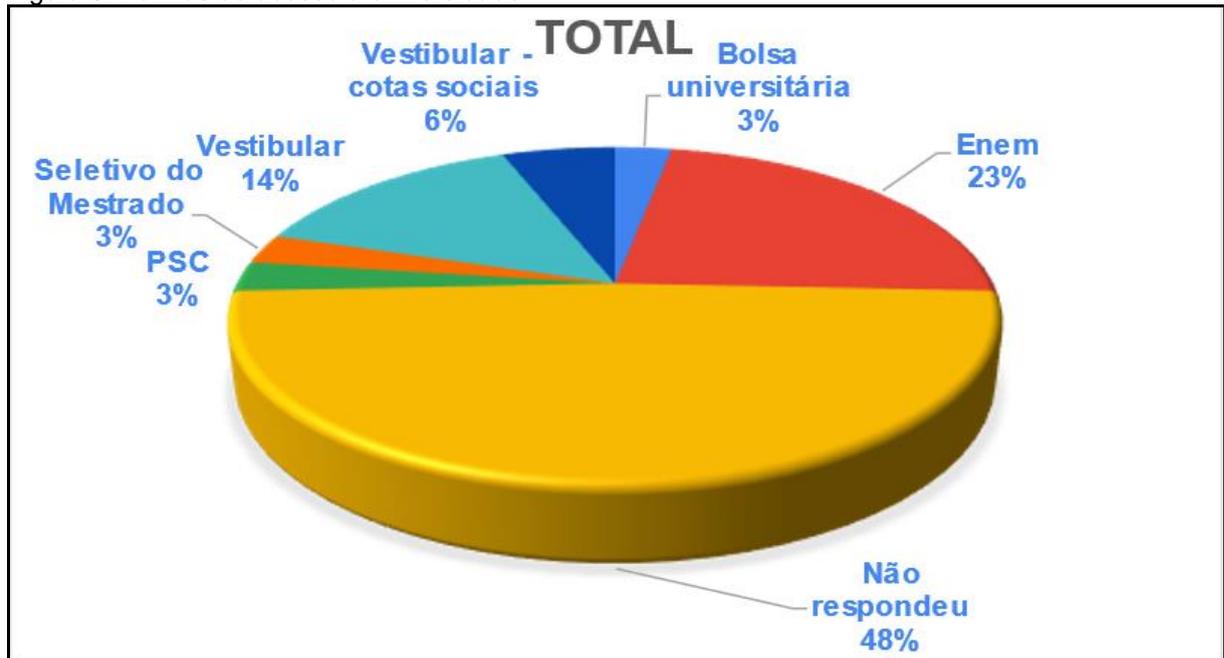
Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Então os estudantes são das seguintes universidades: Universidade Federal do Mato Grosso; Universidade Federal de Rondônia; Universidade Federal de Roraima; Universidade Federal do Acre; Universidade Federal do Amazonas; Universidade do

Estado do Amazonas; temos também instituições particulares que são as faculdades Uninorte, Estácio e Fametro as quais são do estado do Amazonas.

Quanto as formas de ingresso dos participantes da pesquisa o gráfico abaixo expõe os seguintes dados:

Figura 8: Formas de acesso à universidade

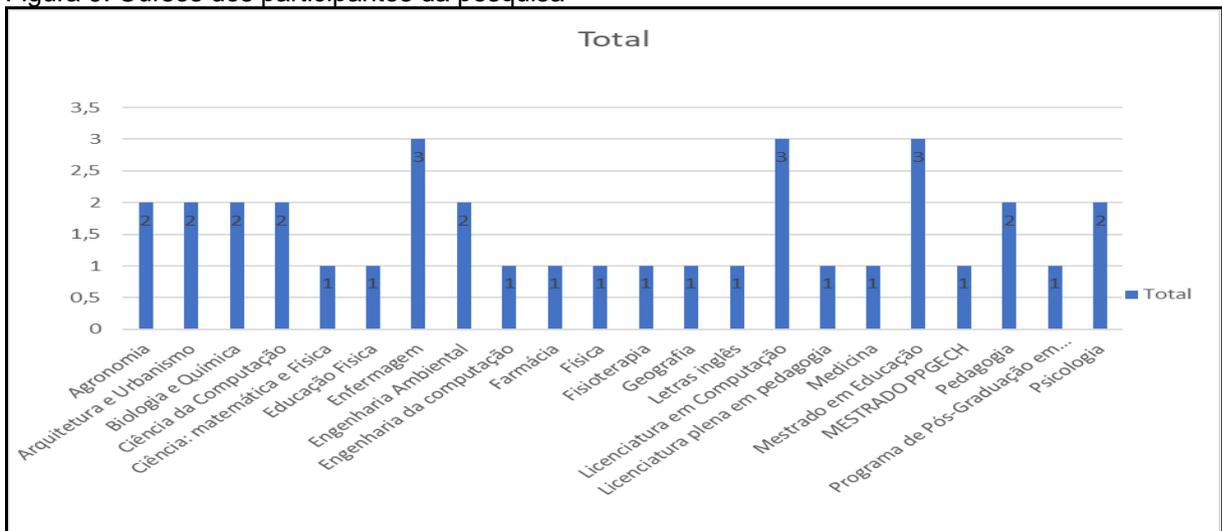


Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

As formas de acesso que apareceram na pesquisa foram: Processo Seletivo Contínuo – PSC, que é o processo de seleção da UFAM, o qual abordaremos em outro tópico; Processo Seletivo Mestrado, pois alguns participantes da pesquisa estão no mestrado; vestibular, cotas sociais, Bolsa universitária, que é um programa da prefeitura de Manaus que possibilita um desconto de 100%, 75% e 50% a estudantes de baixa renda que residam na cidade de Manaus e que queiram estudar em instituições privadas, o processo é feito em três etapas que são questionário socioeconômico, vestibular da instituição e entrega de documentação e por último o Enem/SISU que também é uma das formas de acesso tanto para instituições públicas como para as instituições privadas. Mais adiante abordaremos detalhadamente o processo de seleção PSC e Enem/SISU.

Dos cursos que aparecem na nossa pesquisa tivemos um total de 22 cursos, somando as graduações com as pós-graduações como mostra o gráfico a seguir:

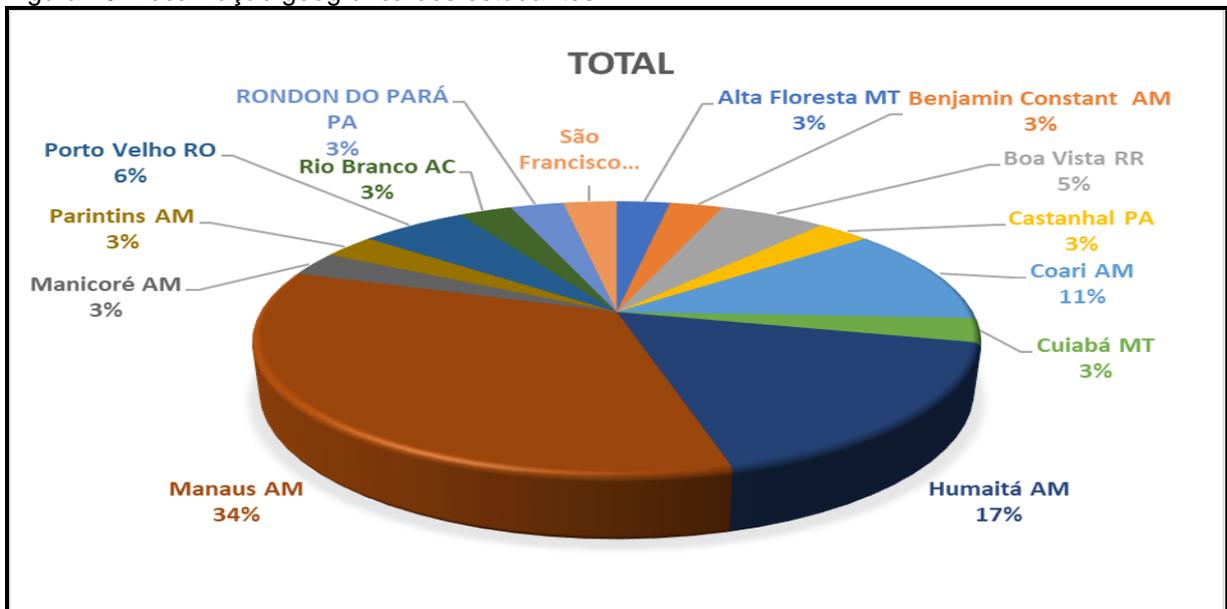
Figura 9: Cursos dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Destacamos que temos mais participantes na área de enfermagem, Licenciatura em computação e mestrado em educação. No gráfico abaixo temos a cidade/estado que os estudantes residem.

Figura 10: Localização geográfica dos estudantes

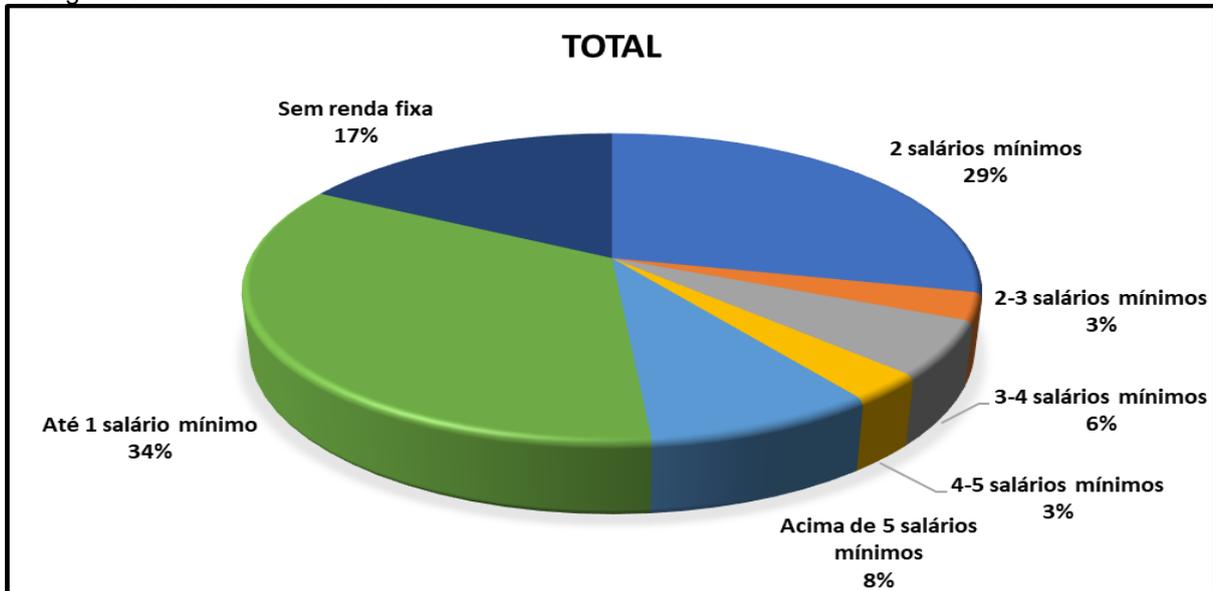


Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Esta pesquisa conseguiu alcançar pessoas residentes em diferentes cidades dos estados do Amazonas, Mato Grosso, Acre, Rondônia, Pará e Santa Catarina que é um estado da região sul, mas que o participante da pesquisa estuda na UEA localizada no Amazonas.

Quanto a faixa de renda familiar dos participantes desta pesquisa dispomos dos seguintes dados:

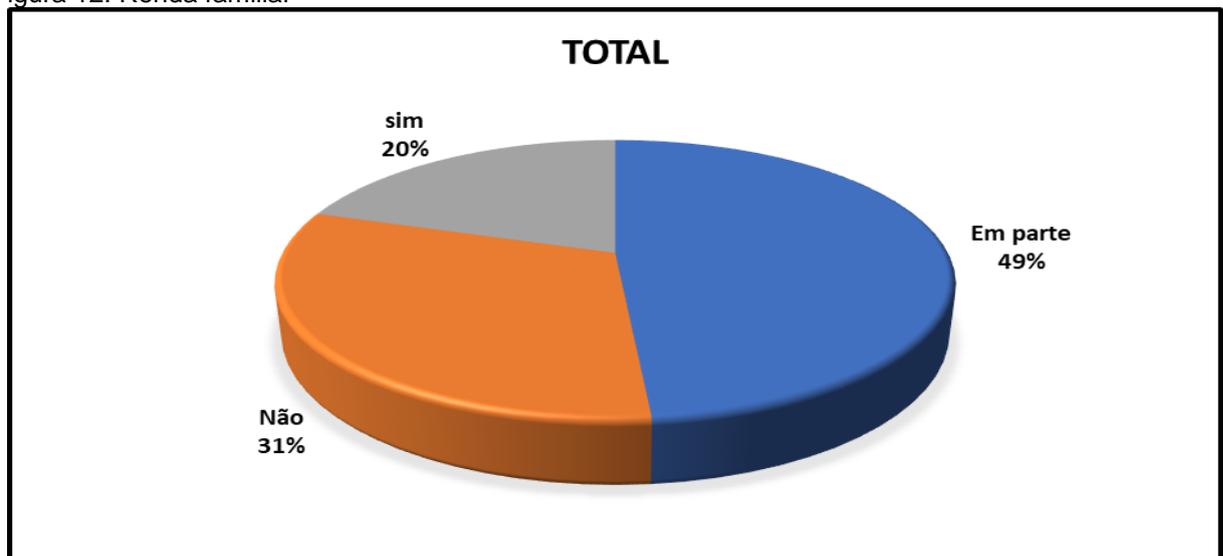
Figura 11: Faixa de renda familiar



Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Como vemos no gráfico acima mais da metade dos participantes tem em média uma renda familiar de até 1 salário mínimo, enquanto que uma pequena parte não tem uma renda fixa. Então deste percentual no gráfico 12 demonstra que apenas 8% dos participantes consideram que sua renda familiar é suficiente.

Figura 12: Renda familiar

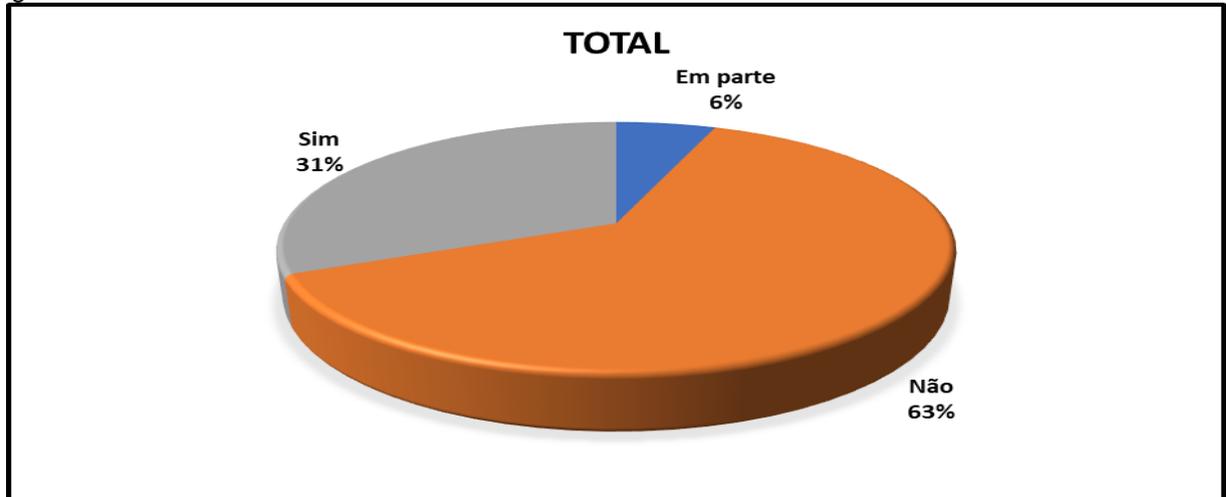


Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Veja que apenas 20% dos participantes desta pesquisa consideram que

sua renda familiar seja suficiente para as despesas da família, enquanto que mais da metade consideram que em parte e não são suficiente, esses dados sugerem a realidade familiar dos estudantes da região norte. No gráfico 13 quase 100% dos participantes só estudam e não exercem outra atividade.

Figura 13: Exerce outra atividade



Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

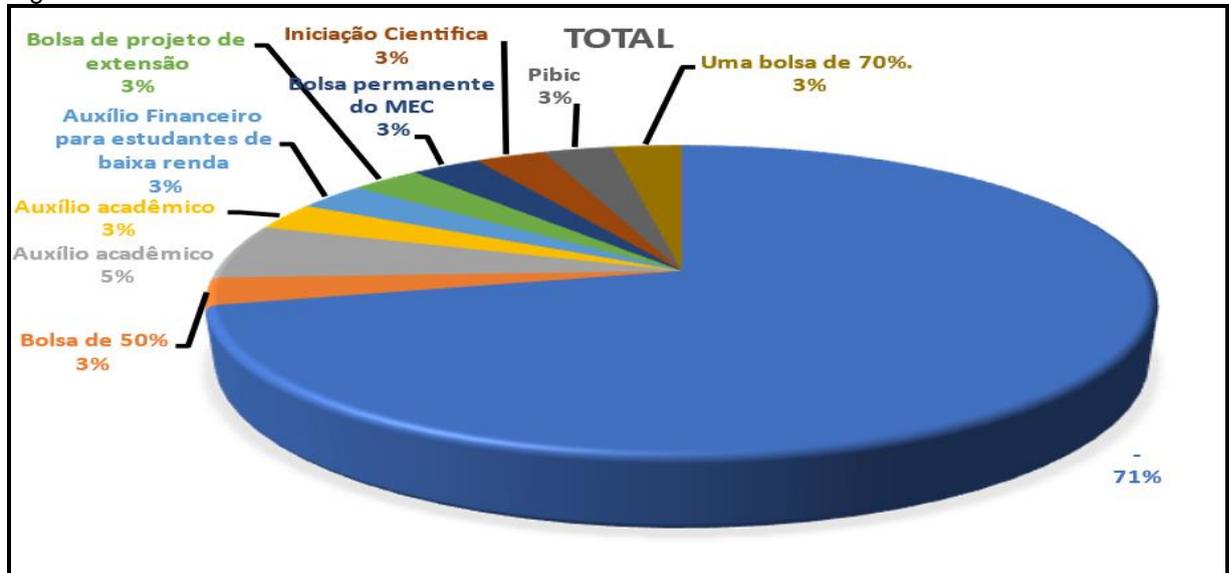
Como vemos a maioria dos estudantes desta pesquisa tem uma renda de até um salário mínimo, onde mais da metade considera que a renda familiar não é o suficiente para manter as despesas da família. Uns dos estudantes da graduação respondeu em uma das perguntas abertas que: *“Com o aumento dos preços dos itens, é necessário uma fonte de renda extra”*. Já o estudante da pós-graduação considera que: *“Só tenho essa renda por conta da bolsa do mestrado, se não teria que trabalhar para sobreviver e conciliar o estudo com o trabalho seria muito complicado.”*

Quanto aos obstáculos para acesso e permanência no ensino superior os estudantes consideraram que, participante A: *“Financeiro tecnológico e de materiais pedagógicos de apoio.”*; Participante B *“Locomoção e obstáculo financeiro”*; Participante C:

Minha faculdade é localizada em uma área consideravelmente distante de minha residência, desse modo, percorro um longo trajeto de ônibus (horas) tanto para retornar à minha residência quanto para chegar até minhas faculdades. Apesar de possuir carteira estudantil, ainda sim o custo com a passagem às vezes é difícil principalmente o dinheiro não está sobrando[...]

Quando perguntamos se eles recebem alguma ajuda de custo ou bolsa da universidade tivemos os seguintes dados:

Figura 14: Auxílio acadêmico



Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

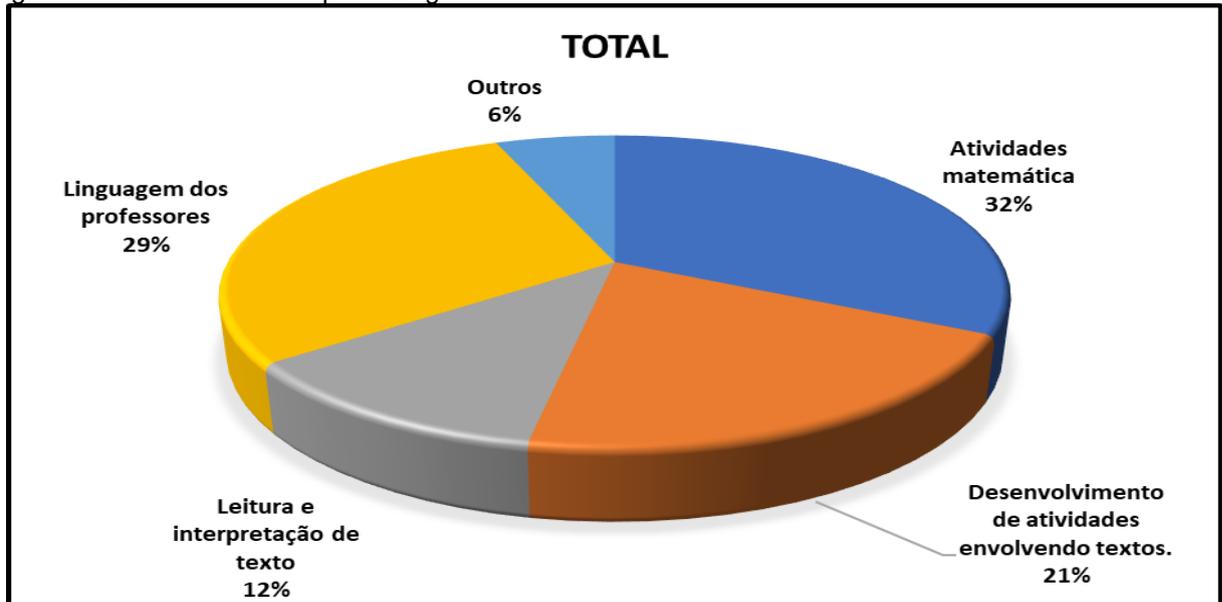
O gráfico mostra que 71% dos participantes da pesquisa não recebem nenhum tipo de auxílio financeiro relacionado a universidade, entretanto 3% dos estudantes recebem bolsa de 50% e bolsa de 70%, que são os estudantes do bolsa universidade da prefeitura de Manaus, a qual possibilita desconto nas mensalidades em instituições da rede privada; auxílio acadêmico 8%, auxílio financeiro para estudantes de baixa renda 3%, bolsa do projeto de extensão 3%, iniciação científica 3%, bolsa permanência do MEC 3%, Pibic 3%.

Quando perguntamos de que forma essa bolsa ou ajuda de custo contribui para se manter na universidade os estudantes responderam:

*“Nos materiais de estágio e transporte”; “Ajuda a pagar aluguel e comprar minha alimentação”; “Tenho dinheiro pra pagar o RU, e meus materiais de estudo”; “Integral seria difícil” e “Ajuda muito, pois fica mais leve a mensalidade”*

Essas duas últimas falas se refere a bolsa universidade da prefeitura de Manaus. Quanto as dificuldades de aprendizagem os estudantes consideraram que as principais dificuldades estão nas atividades de matemática e linguagem dos professores, como demonstra no gráfico 15.

Figura 15: Dificuldades na aprendizagem

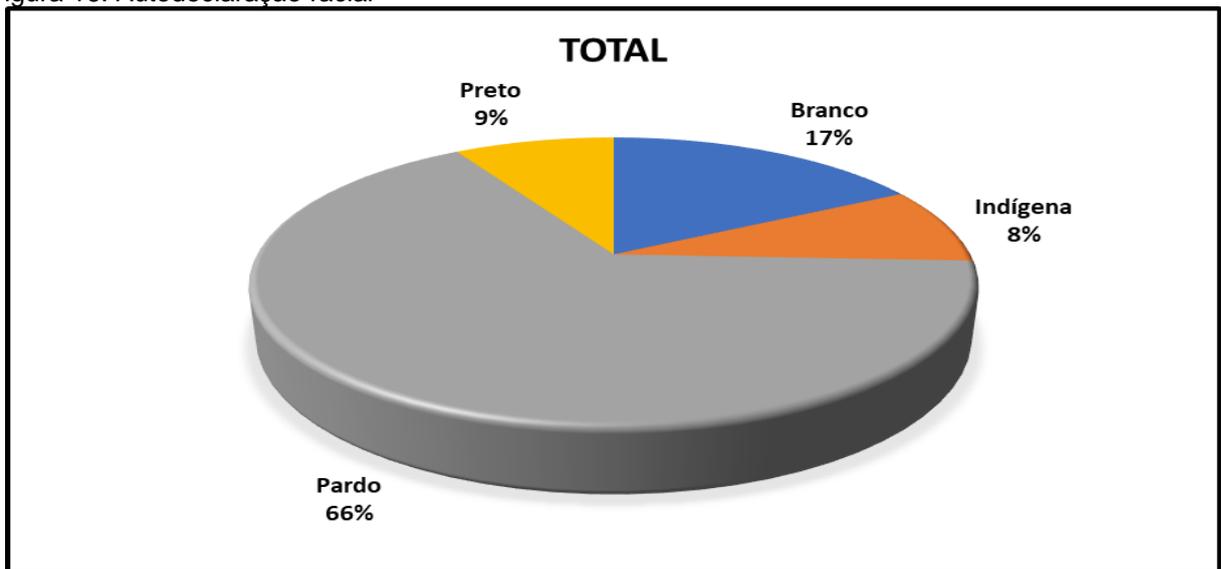


Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Como podemos observar duas principais áreas de dificuldades esta em atividade envolvendo matemática 32%, Leitura e interpretação de textos 12% e desenvolvimento de atividade envolvendo textos 21%, essas duas áreas são de lingua portuguesa, ou seja, um total de 33% de dificuldades nessa área de lingua portuguesa, enquanto que a linguagem dos professores demonstra 29% de dificuldades, outras dificuldade estão em 6%. É uma consequencia do ensino básico de escolas públicas do Brasil. Segundo o Programa Internacional de Avaliação Estudantes (PISA) 2018, os resultados revelaram que 61% dos estudantes brasileiros com idade de 15 anos não tem um nível básico de matemática quando comparados com outros países que fizeram parte da avaliação, em caso de leitura o Brasil ficou no segundo pior ranking sul-americano com 413 pontos atrás da Colômbia (MEC, 2018). O que nos faz pensar que o Brasil precisar rever suas diretrizes e encontrar a raiz do problema para dar inicio a um novo direcionamento.

Quanto a autodeclaração racial o gráfico abaixo demonstra que 66% dos estudantes se consideram pardos, 9% preto, 17% brancos E 8% indigena. O que segundo a classificação do IBGE 75% desta pesquisa seria classificado como negro.

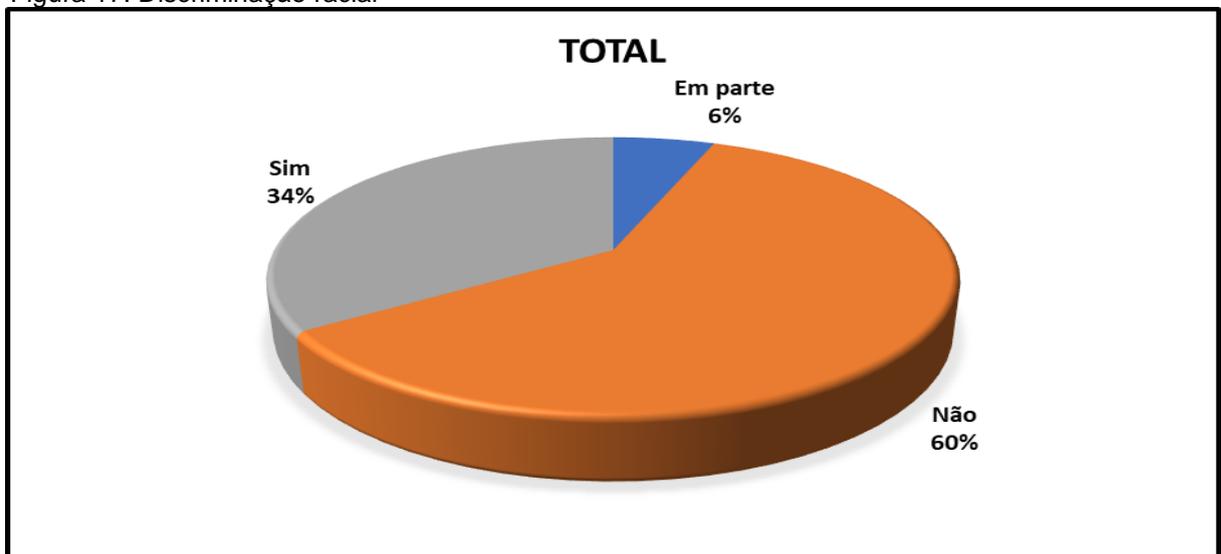
Figura 16: Autodeclaração racial



Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

O gráfico 17 traz uma demonstração se os participantes já sofreram alguma discriminação racial.

Figura 17: Discriminação racial



Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

Assim, 34% dos estudantes consideram que já sofreram discriminação racial em algum momento da sua vida e 6% consideram que em parte já sofreram discriminação. Pergunta é uma pergunta dupla que pede para que os participantes comentem um pouco sobre suas experiências. Obtivemos seis comentários:

Muitas vezes não fui/participei de coisas, como eventos, desfile etc por ser negra e isso sempre deixava um tom de “vc não pode, pq vc é preta, tem um cabelo que não é liso, e é feia” pq não tem uma cor “padrão”, no estilo que a sociedade em geral impõem faz com que tudo que seja diferente seja feio, imperfeito e indesejável. (Estudante 1).

Já a estudante 2 considera que sofreu discriminação *“Pela minha cor da pele, pela forma de usar meu cabelo”*. Enquanto que a estudante 3 coloca que: *“Me sinto assim, praticamente todas as vezes que vou a uma loja de franquias de maquiagem, por exemplo. Não há como não perceber”*. O estudante 4 considera que *“Não exatamente pela cor da pele, mas pelo estilo de cabelo crespo.”* O estudante 5 relembra vivências da infância: *“Quando criança, eu fui discriminada por não ser branco.”* Enquanto que o estudante 6 já foi discriminado *“Por ser do Amazonas as pessoas acham que só tem gente do mato”*.

As respostas dos participantes revelaram que quanto a discriminação, ela está relacionada a cor da pele, cabelo e até da região geográfica. Munanga (2004) considera que todas as sociedades tem suas diferenças, seja diferenças de classe, de religião, de idade, linguísticas, sexo, etc. o que queremos destacar aqui é que essas diferenças podem ser consideradas como um ponto de partida para a formação de práticas discriminatórias, preconceituosas e na construção de ideologias.

Como diz Gomes (2009) é uma herança cultural que perpassa desde o século XIX em que as ideologias científicas racistas tomaram de conta da sociedade, entretanto, após as descobertas do século XX que geneticamente raças não existem, “Os patrimônios genéticos são diferentes, tais diferenças não são suficientes para classifica-los em raças.” (MUNANGA, 2004, p. 5). Muito tempo depois dessas concepções terem sido derrubadas ainda existem no inconsciente da sociedade uma ideologia que se manifesta na discriminação para com as pessoas de uma forma muito sutil.

Quanto ao acesso, permanência e sucesso, os estudantes consideram que a parte financeira é a que mais afeta o acesso e rendimento acadêmico, uma vez que: *“A internet tem sido o maior desafio, mas também precisamos utilizar bons equipamentos eletrônicos.”* (Estudante 1); *“Conheço muitas pessoas que desistiram para começar a trabalhar pra ajudar a família.”* (Estudante 2);

Minha faculdade é localizado em uma área consideravelmente distante de

minha residência, desse modo, percorro um longo trajeto de ônibus (horas) tanto para retornar à minha residência quanto para chegar até minha faculdade. Apesar de possuir carteira estudantil, ainda sim o custo com a passagem às vezes é dificultoso principalmente quando o dinheiro não está sobrando. O cansaço devido ao trajeto de horas no ônibus também interfere bastante em meu desempenho acadêmico. (Estudante 3)

*“Financeiramente me afeta diretamente pois não tenho acesso a internet e nem a computador faço meus trabalhos pelo celular situação desagradável.”* (Estudante 4);

Um dos principais é a dificuldade financeira, que mesmo com uma bolsa de 1.500, que é mais que o triplo de uma bolsa de iniciação científica, é bem difícil conciliar, com alimentação, matérias de estudos, transporte, evento. Muitas vezes preciso fazer bicos por fora para suprir alguma necessidade extra. (Estudante 4).

*“Conciliar trabalho e estudo”* (Estudante 5); *“O mental é o maior deles. Acreditar que você é capaz faz você se tornar capaz. Afinal tudo começa na mente”* (Estudante 6); *“Discriminação econômica/ discriminação por problemas de saúde não contagiosa; necessidade de trabalhar e o curso ser integral.”* (Estudante 8); *“Pra mim é a falta de local pra deixar minha filha.”* (Estudante 7).

De um modo geral o E1 expõe que a internet é o maior desafio para as aulas remotas, considerando o momento pandêmico em que o formato das aulas mudaram e se tornaram remotas. A E2. Relata que em seu convívio, muitos dos estudantes acabaram desistindo do curso com a finalidade de ajudar a família através do trabalho. A E3 expõe suas dificuldades quanto a locomoção até a universidade e o custeio das passagens. A E4 relata suas dificuldades quanto a forma que faz seus trabalhos acadêmicos, uma vez que o mesmo não tem computador e utiliza o celular para os trabalhos. O E4 da pós-graduação o qual recebe uma bolsa de custeio, considera que não é suficiente uma vez que fica difícil conciliar, material de estudo, alimentação, transporte, eventos etc. Tendo que muitas vezes fazer outros trabalhos para complementar a renda. Enquanto que E5 considera que a parte mental e ter autoconfiança é que te move na universidade; A

E6 considera que a maior dificuldade é ter uma doença contagiosa ser discriminada, atrelado a necessidade de trabalhar e o curso ser integral,

Diante da fala dos participantes da pesquisa percebemos que a questão financeira e tecnológica, considerando que estamos vivendo no momento pandêmico em que nos é requerido o uso constante de materiais tecnológicos é o que mais influência no rendimento acadêmico dos mesmos.

Quadro 1: Perspectivas dos estudantes

Participantes	Comentários
P.1	“Ser bem sucedida futuramente”
P.2	“Uma melhor formação, que me possibilite levar todo o conhecimento que eu receba diante”
P.3	“Um bom conhecimento e futuramente um emprego”
P.4	“Mudança de vida, esse é o proposito do estudo, se não, para que estudaríamos por tanto tempo afinal?”
P.5	“Melhores condições de trabalho”
P.6	“Mais oportunidade de empregos melhores”
P.7	“Uma mente elevada, um emprego com boa remuneração principalmente”
P.8	“Um mundo de oportunidades novas”
P.9	“Auto determinação e liberdade para construir meus propósitos de vida”

As perspectivas dos estudantes estão ligadas a mudança de vida, ou seja, de suas realidades. Assim segundo as suas repostas compreendemos que eles entendem que por meio da educação é possível sair da situação que se encontram para uma realidade diferente.

#### 4.5. Resultado e análise da pesquisa: grupo focal

O grupo focal foi realizado no dia 02 de novembro de 2021, das 19h as 21h: 45min., em uma unica reunião, escolhemos essa data justamente por ser feriado e os estudantes concordaram que seria o momento que estariam disponiveis para contribuir com a pesquisa. Realizamos pela plataforma Google Meet, abrimos a reunião as 19h:00 entretanto tivemos alguns problemas técnicos no computador e internet, o que nos atrasou cerca de uns 20min. para o início da reunião. Contamos com a participação de 3 estudantes do sexo femenino e 1 estudante do sexo masculino. Sendo que 3 estudantes são da instituição da Universidade Federal do Amazonas e um estudante do Universidade Estadual do Amazonas.

O grupo focal iniciou com as boas vindas aos estudantes em seguida apresentamos o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE, foi lido e explicado os direitos dos participantes que em seguida concordaram em participar. Foi colocado que eles eram livre para escolher se queriam ou não responder as questões, livres para abrir ou não suas cameras ou participar pelo chat da plataforma. Vale ressaltar que um dia antes os participantes da pesquisa receberam as temáticas que seriam proposta no grupo focal para que os mesmos tivessem ciência do que seria tratado na reunião, conforme as orientações do Comitê de Ética e Pesquisa orienta. Apenas um participante escolheu deixar sua camera fechada os demais deixaram suas cameras abertas. Todos os participantes responderam todas as questões. Dois participantes estavam em Manaus/AM, um participante estava em São Francisco do Sul/SC e um participante da tribo Ticuna que estava em Santo Antônio, Alto Solimões, fronteira entre Peru e Colômbia fronteira.

Quadro 2: Perfil dos participantes da pesquisa

<b>Participantes</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Curso</b>	<b>Instituição</b>
E.1	F	30	Bacharelado em Física	UFAM
E.2	F	20	Licenciatura em História	UFAM
E.3	F	21	Licenciatura em computação	UEA
E.4	M	-	Engenharia Ambiental	UFAM

Os participantes da pesquisa estavam bastante avontade no grupo focal, o participante 4 teve problemas com a internet o que o levou a sair e a entrar diversas vezes, mas apesar dos contratemplos o mesmo conseguiu expresar suas concepções em todas as tematicas abordadas.

#### **4.5.1. Categoria 1: Início da vida acadêmica: acesso e primeiras impressões na universidade**

Nesta categoria aglutinamos 2 tópicos abordados no grupo focal: tópico 1: Acesso e permanência na universidade; tópico 2: Percepção quanto ao ensino superior; então quando perguntamos aos estudantes quais foram os conflitos que

eles vivenciaram no processo de acesso à universidade obtivemos as seguintes respostas:

Eu fiz o PSC que foram 3 etapas. Foram 3 anos em um processo de conflito que ia sendo trabalhado dentro de mim. E no último ano, que foi o terceiro ano do ensino médio, o negócio foi muito pesado porque na minha cabeça eu tinha que passar de qualquer forma, então eu fiz tanto o PSC, quanto o próprio vestibular da UEA, fiz o Enem, foi o primeiro ano de Enem na época. Mas eu só consegui pelo PSC [...] quando eu vir pra Manaus eu passei um tanto de dificuldade até porque eu sou de uma família extremamente humilde pra não dizer outra coisa. Então, eu vim na cara e na coragem. Eu tinha um único objetivo que era finalizar o curso tinha isso na mente e eu ia fazer de tudo para que desse certo isso. (Estudante 1)

Olha eu acho que foi mais em relação aos conflitos internos que fica nessa etapa nesse processo de você adentrar em uma universidade. Você fica nessa expectativa logo depois que você sai do ensino médio. No meu caso, eu fiquei sim um tanto preocupada em relação se eu ia conseguir ou não o curso que eu almejava que no caso era licenciatura [...] fiz o vestibular pelo ENEM (Estudante 2)

Eu lembro que naquela época quando fiz o Enem e o SIS eu fiquei pensando que eu não ia passar, principalmente no SIS, porque nos meus primeiros anos foram, o 1º e o 2º ano as minhas provas tinham notas baixíssimas, aí eu pensei eu não vou passar! Eu já estava conformada com essa visão de que provavelmente eu faria qualquer coisa menos entrar no ensino superior, mas eu consegui. (Estudante 3)

Fiquei ansioso pela prova que fiz. Na primeira dificuldade que enfrentei foi a distância, eu achei muito longe a cidade onde eu iria estudar, porque aqui na época de seca não tem barco pra ir a Manaus. E quando chega a Manaus tem que pegar um ônibus ou avião ou barco pra chegar até a cidade. (Estudante 4)

Sabendo que os estudantes desta pesquisa são de instituições da UFAM e da UEA, ambas do estado do Amazonas. Procuramos elucidar as formas de ingresso nessas duas instituições. A UFAM possui três formas de ingresso destinados a estudantes que não possuem ensino superior, são eles: Sistema de Seleção Unificada – Enem, o qual é destinado 50% das vagas dos curso de graduação, onde os estudantes podem por meio do ENEM/SISU adentrarem a universidade, os outros 50% das vagas são destinados ao Processo Seletivo Continuo – PSC, é uma forma de ingresso estabelecida pela própria Universidade Federal do Amazonas, essa forma de ingresso é uma avaliação seriada e contínua nas três séries do ensino médio; podem se inscrever todos os estudantes do ensino médio que estejam matriculados em uma escola credenciada ao Conselho Estadual de Educação;

Processo Seletivo Interior – PSI, destinado ao preenchimento das vagas no interior do Amazonas, nos polos do Alto Solimões, município de Benjamin Constant, Médio Solimões, município de Coari, Médio Amazonas, município de Itaquatiara, Vale do Rio Madeira, município de Humaitá e Baixo Amazonas, município de Parintins.

A UEA, possui duas formas de ingresso que constituem em o vestibular da instituição e o Sistema de Ingresso Seriado – SIS, que é uma avaliação seriada e continua nas três séries do ensino médio, muito parecida com o PSC da UFAM.

As vagas no sistema de vestibular da instituição estão divididas para nove grupos são eles: Grupo 1: Candidatos de escola pública de Estado do Amazonas; grupo 2: candidato de escola de qualquer natureza do Estado do Amazonas; grupo 3: candidato de qualquer natureza de qualquer Estado da Federação ou Distrito Federal; na área da saúde abrange o grupo 4 até o grupo 7. grupo 4: candidato que tenha cursado pelo menos oito série da Educação Básica em qualquer escola de qualquer natureza em município do interior do Estado do Amazonas; Grupo 5: Candidatos de escola pública do Estado do Amazonas; Grupo 6: candidato de escola de qualquer natureza do Estado do Amazonas; Grupo 7: Candidato de escola de qualquer natureza de qualquer Estado da Federação ou Distrito Federal; Grupo 8: Candidato que pertença a uma etnia indígena do Estado do Amazonas; Grupo 9: Candidatos que possui deficiência. No SIS, o Sistema de Seleção possui os mesmos grupos, exceto o grupo de candidato de qualquer natureza de qualquer Estado da Federação ou Distrito Federal, ou seja, os estudantes precisam estar no ensino médio, residindo no Amazonas.

Como podemos observar a UFAM e a UEA possuem em seu processo seletivo, cotas tanto para estudantes de escolas públicas, particulares, indígenas e pessoas que possuem deficiência.

Observando a fala dos participantes da pesquisa vemos que o estudante 1 participou de várias formas de seleção, o estudante 2 fez apenas o Enem para entrar na UFAM, o estudante 3 fez duas formas de seleção o SIS e o Enem, enquanto o estudante 4 fez o PSI. Vale ressaltar ainda que o estudante 1 e 4 são estudantes que precisaram sair de sua cidade para cursar o ensino superior, sendo o estudante 4 indígenas. O que levanta uma questão que o acesso à universidade é mais do que obter uma vaga na instituição é a possibilidade de se locomover até a cidade e a instituição. Traz outras problemáticas que abrange moradia, questões financeiras, adaptação tanto na instituição como na cidade e questões psicológicas por esta

longe da família, pois a: “[...] a atual Lei Federal não põe termo aos desafios que a efetiva presença indígena nesses espaços impõe, pois apenas garante o direito formal desses povos ao acesso ao ensino superior [...] (BERGAMASCHI, 2018, p. 40)”. O que nos leva a segunda questão abordada no tópico 1: Durante seu processo de formação, o que vocês consideram como fatores relevantes para a permanência no ensino superior?

O estudante 1 considera que:

Então o meu primeiro obstáculo ao chegar aqui em Manaus era estadia, eu conseguir; cheguei na universidade me deparei com um curso extremamente difícil, porque o curso de Física principalmente bacharel [...] é do início ao fim disciplinas voltadas para área de pesquisa então são coisas extremamente pesadas. Confesso que no final do primeiro ano eu estava com o intuito de desistir sim do curso, porque primeiro que eu não tinha trabalho, estava vivendo com uma grana que era pouquíssimo em relação ao que eu precisava de fato para me manter aqui, mas ao longo desse primeiro ano eu encontrei pessoas muito legais [...] em 2010 a UFAM ainda tinha o critério de você só fazer projeto de iniciação científica no 3º período então eu passei 1 ano sem conseguir bolsa de nenhum tipo por estar nos períodos iniciais, no ano seguinte eu consegui a casa do estudantes, uma bolsa de iniciação científica [...]

Já o estudante 2 diz que:

1º questão é justamente a disponibilidade de tempo, a gente tem que ter um tempo [...] disponível pra poder estudar, eu não trabalho, eu só estudo, mas eu tenho certeza absoluta que se eu trabalhasse eu não conseguiria conciliar os dois como muitas pessoas fazem, com muita dificuldade. 2º coisa é a questão financeira [...]

O estudante 3 expõe:

Todo mundo em alguma hora pensou em desistir né, eu também já tinha pensado a respeito disso, porque primeiro que eu fiz cálculo 2x e eu não consegui passar eu pensei: poxa! não tem como eu conseguir, aí eu vou para uma terceira vez e só de pensar na terceira vez aí eu já fico: Meu Deus, eu tenho que fazer só cálculo e mais outra matéria porque senão eu não vou conseguir passar, porque eu tenho uma deficiência em matemática.

O estudante 4 relata:

Quando eu cheguei na universidade eu não sabia de nada, a minha área é de exatas, é cálculo, é química, essas coisas, não sabia de nada. Mas eu falei eu vou conseguir, cheguei sem nada, só com uma bolsa na mão, mas graças a Deus muita gente me ajudou, mas a UFAM não me ajudou a

instituição onde estudava não me ajudou, nem a assistência social, não me deram assistência. Eu só não morri de fome porque eu sei falar e sei fazer um monte de coisa mesmo [...] eu não sabia o que era equação nem tabela periódica essas coisas, depois até o professor me elogiava na sala, ele falou: esse daqui chegou e nem sabia falar o português direito, mas agora ele sabe fazer, ele tirou uma das melhores notas na prova [...]

Fatores como a falta de um lugar para morar, a adaptação ao curso, falta de recursos financeiros, disponibilidade de tempo para estudar, as dificuldades na área de exatas que envolvem cálculos matemáticos e a dificuldade em Língua Portuguesa são áreas que os estudantes consideraram como obstáculos para permanecer na universidade, pois a estudante 1 relata que no fim do primeiro ano de universidade estava decidida a desistir do curso, enquanto que a estudante 3 já considerou em desistir do curso devido as reprovações obtidas em cálculo. JESUS (2020), em seus estudos quanto a permanência de estudantes na UFAM nos cursos de medicina, administração, serviço social, enfermagem e psicologia, que foram os mais concorridos em 2011 antes da aplicação da lei das cotas expõe que dos matriculados nesses cursos 53,7% chegaram a se formar, após a aplicação da lei das cotas em 2012 dos egressos nesses cursos somaram um total de 168 estudantes, dos quais apenas 51,1% concluíram o curso o que indica uma queda em relação ao ano anterior. A mesma autora não expõe os motivos da evasão dos estudantes, pois sua pesquisa é de caráter bibliográfico e documental, entretanto considera que: “Com a introdução da política de cotas compreende-se que grupos com menor poder aquisitivo na sociedade adentraram a universidade e, com isso, enfrentam diferentes problemas de adaptação ao ambiente acadêmico” (p.136). Pinheiro (2021), considera importante a expansão ou a criação de um semestre de nivelamento para estudantes com dificuldades em áreas de exatas devido a defasagem que esses estudantes vêm do ensino básico. Câncio (2021) considera que o acesso as universidades pelos povos indígenas não são suficientes, uma vez que é preciso fomentar a permanência desses estudantes através de bolsas, criação de programas de incentivo e apoio acadêmico.

No 2º tópico: Percepção quanto ao ensino superior, os estudantes expressaram suas concepções de como é estar cursando o ensino superior e o que difere a sua visão quanto a universidade do antes de entrar e depois de estar lá dentro.

A estudante 1 expressa que:

[...] Você está dentro do ensino superior querendo ou não te dá um status de que você conseguiu passar por uma etapa por um processo que muitas pessoas estavam ali, mas que pouco de fato conseguiram. [...] A UFAM ela te dá toda estrutura, eu falo porque vivenciei tudo isso, ela te dá bolsa, ela te proporciona o ambiente pra você estudar, mas você [...] precisa estar focado em querer terminar o curso. [...] Antes de entrar na UFAM eu dizia: nossa eu vou ganhar o Nobel, vou chegar na UFAM, vou arrasar, vou ser a pessoa mais top dentro dessa universidade. Eis que chego na UFAM e um tempo depois muda o meu pensamento: É se eu fizer a minha parte já tá ótimo né, se eu conseguir passar em cada disciplina já tá maravilhoso

A estudante 2 considera que:

É uma experiência boa cursar o ensino superior com certeza, só que é também muito desafiador porque a cada semestre a gente descobre uma coisa nova e algumas vezes o semestre anterior foi muito difícil e a gente não consegue absorver da forma como gostaria de absorver, e estou procurando aproveitar o máximo dessa experiência de estar no ensino superior.

[...] A gente pensa que vai arrasar que vai ficar tudo certo, que a gente vai mandar bem de qualquer forma que é só estudar e vai ficar tudo certo, mas quando a gente vai aprender a ver que o processo é uma coisa bem mais complexa do que a gente imaginava a gente se sente até um pouco burra (risos) algumas vezes (risos).

A estudante 3 comenta:

Eu considero que cursar o ensino superior é uma aventura muito complexa (risos), porque na verdade você está dando o seu melhor ou achando que está dando o seu melhor e as vezes o seu melhor é mais do que aquilo né e aí você tem que melhorar mais e se dispor a pesquisar e quem nunca se sentiu meio burra nesse processo (risos). [...] em fim eu achava que eu iria arrasar que eu iria recomeçar minha vida no ensino superior e que eu iria pagar de estudiosa, tirar 8 e 8, 9 e 10, mas nada disso aconteceu.

Já o estudante 4 elucida:

O que esperava da universidade era coisa diferente, quando você não está ainda lá dentro você fica ansioso, depois que você está lá dentro a realidade é bem diferente do que você pensava, eles exigem a prova escrita, os trabalhos, os relacionamentos, a compostura, então tudo você aprende, tu vai aprender, eu nem sabia o que era certo e o que era errado (risos), as vezes a gente rir, mas naquela época eu chorava, não sabia de nada, então tinha que ler e reler, fazer leitura e mais leitura pra poder se expressar adequadamente e escrevia tudo torto e o professor mandava de novo concertar que não é dessa forma e eu fui aprendendo, com o tempo eu já estava no meio daquele grupo lá que me excluía, que não te gostava, que te deixavam lá no cantinho, aí depois já te chamavam porque viam que tu era esforçado, até os professores diziam: fica naquele grupo que você vai aprender mais.

Os estudantes antes de entrarem no ensino superior tem uma perspectiva diferente, a partir do momento que estão dentro da universidade as visões mudam e eles compreendem que precisam se esforçar para alcançar o êxito que lhe são exigidos na academia. Descubrem suas defasagens, mas muitos deles não sabem como sanar suas dificuldades como é o caso da estudante 3 que considera que *“por mais que eu realmente tenha pensado em estudar sozinho [as disciplinas] dos anos iniciais da 5º e 6º série eu fico pensando por onde que eu vou começar.”* Como vemos, nas falas dos participantes está a expectativa de entrar no curso do ensino superior atrelada a as dificuldades de aprendizagem que eles encontram durante o processo de formação na universidade. Excurra, (2011 apud COSTA; DIAS, 2015, p.55) considera que:

[...] entre os desafios enfrentados por esses grupos das camadas desfavorecidas da sociedade na realização da graduação superior está uma preparação acadêmica marcada por um “capital cultura insuficiente em el punto de partida”. [...] esse capital cultura não se refere a apenas certas habilidades cognitivas, mas envolve alguns hábitos que facilitam a vida acadêmica, como ter metodologia para ler e estudar. Além disso, engloba outros fatores como as expectativas sobre o próprio desempenho, o compromisso ou o engajamento estudantil, a quantidade e a qualidade do tempo que dedicam para o estudo e outras atividades acadêmicas. Outros aspectos importantes é que esses alunos se constituem na primeira geração de acadêmicos de suas famílias e tendem a apresentar um comportamento de pouca confiança em si mesmos, baixa expectativa sobre seu desempenho e, principalmente, um grande medo do fracasso.

Os relatos dos estudantes demonstram que nesse processo de estar na universidade e viver tudo que perpassa dentro dela é algo novo e ao mesmo tempo desafiador, uma vez que para muitos deles são o primeiro membro da família a adentrar em uma instituição de ensino superior. Quanto ao estudante indígena que com o tempo foi aceito pelos colegas de sala de aula que o excluía, Cância (2021) considera que existe um certo preconceito por parte dos alunos não-indígenas e que chega até ao isolamento nas realizações das atividades em grupo.

#### 4.5.2. **Categoria 2: Dimensões influenciadoras no desenvolvimento dos estudantes na universidade**

Nessa categoria abordaremos as dificuldades de aprendizagem, bem como as possibilidades de sanar essas dificuldades e como se deu os estudos no contexto da pandemia da Covid-19. Então nesse primeiro momento juntamos as considerações

dos estudantes quanto as seguintes questões: Quais as dificuldades de aprendizagem que eles encontram quando estão estudando tanto na sala de aula como em momento de estudos individuais? E Consideram a formação básica como fator responsável nas dificuldades de aprendizagem de vocês?

No meu caso a maior dificuldade que eu tive foi porque eu não tive uma base, aquela base que a gente trás da escola do ensino médio, eu não tive isso porque eu vim de uma escola pública, então na escola pública o professor de matemática te dar aula de Física e as vezes ele não sabe o que é Física, ele passa um trabalhinho ou outro ali só pra fechar nota [...] o ensino público ainda é muito precário e isso dificulta muito [...] (Estudante 1)

Na sala de aula muitas vezes a gente não consegue acompanhar o vocabulário do professor que as vezes é muito complexo são muitas informações eles passam muito rápido você tem que anotar tem que acompanhar de algum jeito de alguma forma, e isso reflete nos estudos individuais [...] é como se fosse uma cadeia que começa no ensino fundamental [...] acho que afetou um pouquinho da educação básica no ensino superior. (Estudante 2)

Quando eu entrei na universidade foi a primeira vez que eu tive contato com a linguagem de programação eu não sabia nem o que era isso e nem pra onde ia, eu tive extrema dificuldade a princípio em aprender e também tem a questão que linguagem de programação requer uma base de matemática e eu tenho uma base de matemática bem pobre [...] a educação básica é a base da construção de todo conhecimento que vem a seguir, então se você não aprende direito, lá na frente vai fazer falta [...] (Estudante 3)

A linguagem foi a principal dificuldade que encontrei e eu não sabia me expressar, não sabia nada, nada, nada mesmo. [...] terminei meus estudos na comunidade, não tinha professores formados quem dava aula pra gente eram os professores que tinha terminado o ensino médio. Na realidade a maioria das aldeias indígenas no Brasil são ainda professores que não são formados, que só terminaram o ensino médio completo [...] (Estudante 4)

Diante dos relatos dos estudantes percebemos que as dificuldades de aprendizagem emergem da falta de uma base sólida do ensino básico. Observando a trajetória acadêmica deles, a estudante 1 é natural do interior do Amazonas, ela relata que por falta de professores o mesmo professor de matemática dava aula de Física e Química. Já a estudante 2 tem dificuldade de acompanhar as aulas, a mesma considera que: *“No ensino fundamental tive uma carência de conteúdo, a gente não tinha algumas disciplinas, então ficou em falta e isso eu levei para o ensino médio e eu tentei suprir essa carência[...]”* A estudante 3 considera que a base que ela tem de matemática é pobre, e o estudante 4 teve muita dificuldade na

linguagem e em exatas, o que exalta a necessidade de olhar para a educação básica no Brasil, a qual envolve várias dimensões, destacamos aqui a formação de professores na área de ciências como Carvalho (2011) destaca que muitas das vezes o professor se transforma em um mero reproduzidor do conhecimento científico, com dificuldades de se envolver em atividades inovadoras por falta de conhecimento científico e por não saber problematizar e elucidar a história da ciência. Entretanto vale colocar aqui que a educação básica não faz apenas com professor, um quadro e pincel, mas abrange aspectos que não conseguimos sanar como são as dificuldades de acesso aos recursos pedagógicos e a livre iniciativa de fazer ciência com aparato governamental, pois fazer ciência envolve recursos financeiros os quais não estão disponíveis para todos. Quanto ao estudante indígena e sua dificuldade na linguagem, Cândia (2021, p. 36) considera que:

As dificuldades dos estudantes indígenas com a Língua Portuguesa, que neste caso não é a sua primeira língua, interfere consideravelmente para que eles tenham um melhor desempenho nas atividades acadêmicas, cuja mediação se dá unicamente em português [...]

O ambiente universitário é extremamente eurocêntrico e epistemológico, o que causa um grande baque para os estudantes indígenas que estão chegando a um novo espaço e precisam aprender a se adaptar ao novo, considerando que a nova Constituição contempla o direito à educação escolar específica e diferenciada aos povos indígenas, onde as práticas educativas escolares nas terras indígenas tem uma proposta curricular diferenciada, professores da própria comunidade, dando ênfase aos conhecimentos próprios e materiais didáticos específicos, essa educação muitas vezes pode abranger na língua originária ou bilíngues (BERGAMASCHI, 2018).

Considerando o contexto pandêmico que estamos vivendo da Covid-19, perguntamos aos discentes como se configurou seus estudos nesse cenário? E de que forma eles sanaram suas dificuldades de aprendizagem com os professores? Como esses atendimentos ocorriam?

[...] confesso que é um desafio estudar de forma on-line porque você passa duas, três horas, eu já cheguei passar em uma disciplina mais de 4 horas sentada na frente do computador, eu não entendia mais nada não, só via o professor abrir a boca, na minha mente não entrava mais nada (risos), eu já

estava tão cansada que eu não conseguia mais nem olhar pra frente do computador.

A aula on-line pra mim particularmente só serve mesmo pra tirar dúvidas sobre conteúdos, mas aprender, aprender eu vou pegar o vídeo que o professor da disciplina enviar e assistir.

Todos os professores que se apresentavam eles sempre colocavam que tinham um determinado horário ali um tempo disponibilizado para tirar as dúvidas dos alunos, porém nem todos estavam de fato presentes [...]

[...] não considero que fui prejudicada não, até porque a qualidade das aulas continua a mesma [...] o professor apesar dele ter bastante coisa pra fazer ele tem essa disponibilidade de responder nossos e-mail [...] tem a nossa sala lá no Google Clasron [...] (Estudante 1)

Eu entrei no curso e uma semana depois basicamente a pandemia veio e a faculdade simplesmente fechou então basicamente passei dois períodos só com aula on-line, confesso que foi um tanto desanimador em algumas questões, mas eu senti falta de uma coisa mais prática.

O atendimento é feito via e-mail alguns professores disponibilizam WhatsApp, mas outros tem uma espécie de acessória com a monitoria a gente só pode falar com eles através de monitores, mas tem alguns que também oferecem horários no Google Meet, alguns horários eles estão disponíveis para tirar dúvidas.

Eu me sinto prejudicada sim [aula on-line] não tem uma linha de comunicação com os professores apesar da gente ter a possibilidade de se comunicar pelo e-mail, Google Meet, eu senti um certo distanciamento de alguns professores, parecia que eles não queriam está ali. (Estudante 2)

[...] percebi que estudar de forma on-line mesmo tendo aula ao vivo não é exatamente viável, entendeu, você não aprende muito do jeito que você gostaria de aprender e do jeito que geralmente você aprende dentro de uma sala de aula.

Antes da pandemia, alguns professores atendiam semanalmente na sala dos professores, então quase toda semana eu estava lá [...]

Eu diria que me senti prejudicada apesar da praticidade [aula on-line] [...] on-line o professor as vezes está falando e eu estou vendo o meu irmão passando acolar, minha avó passando e falando então eu já estou prestando atenção no que ela está falando não no que o professor está falando. (Estudante 3)

Então quando eu estava na cidade estava conseguindo estudar sim pelas aulas on-line, o professor gravava as aulas e mandava. Pelo menos eu conseguir estudar, eu ia pra casa de alguns amigos, a gente estudava junto. Mas quando voltei pra aldeia eu não consegui estudar de jeito nenhum, e eu com medo de reprovar, de perder a bolsa me matriculei assim mesmo, mas não estava estudando [...] eu fui prejudicado, não sou uma pessoa que desiste das coisas, eu buscava os professores, quando eles mandavam apostila demorava pra baixar, demorava pra enviar, demorava pra responder, por que a internet aqui não é como na cidade. E outra coisa eu voltei pra aldeia porque lá na cidade eu não tenho família, onde vou comer? Se tiver lá com fome, porque a gente precisa de comida, vestimenta, essas coisas, por isso eu resolvi voltar pra está perto da família, sentir mais seguro, sentir mais apoio essas coisas, aí eu vim, mas eu pesava que ia me ajudar, mas acabei me prejudicando.

No meu caso eles sempre disponibilizavam os horários de atendimento e nem as vezes eles podiam estar naquele horário que ele marcava, mas tinham os monitores que ajudavam e incentivavam. (Estudante 4)

Os discentes consideram que os estudos de forma remota é um desafio uma vez que a aprendizagem não ocorre do mesmo modo que na sala de aula. A estudante 1 considera que não foi prejudicada pelas aulas remotas, uma vez que a qualidade das aulas são as mesmas, já os estudantes 2, 3 e 4 consideram-se prejudicados apesar do acesso aos professores para tirar dúvidas, e a facilidade das tecnologias no caso das estudantes 2 e 3, entretanto o estudante 4 teve serias complicações considerando que ele se encontra em sua aldeia e o acesso à internet é bem escasso mas *“[...] agora eu tenho internet aqui [...] os vereadores, o prefeito daqui trouxe uma torre não muito potente, mas pelo menos a noite ajuda alguns alunos que estão aqui na minha aldeia, a gente consegue fazer o mínimo possível”* Spalding (2020) considera que diante do contexto que estamos vivendo existe a necessidade de atividades educacionais emergenciais remotas que possibilitem aos estudantes o acesso ao conteúdo das disciplinas de modo a amenizar os efeitos do isolamento social, assim a produção de videoaulas transmitidas pela internet é um meio para um fim não prejudicar os estudantes.

#### 4.5.3. Categoria 3: As relações que perpassam no contexto da universidade

Esta última categoria está relacionada com o tópico 5: Percepção de discriminação por origem étnico-racial. Perguntamos aos estudantes se eles sentem que sua origem étnico-racial afeta a forma como é tratado na universidade? E se em algum momento eles já foram discriminados na universidade, seja pela origem étnico racial, classe social ou qualquer outro aspecto?

Estudante 1:

Eu acabei fazendo amizade com uma moça que ela entrou na Física em 2º lugar, eu não sabia disso, pra mim tanto faz, trato todo mundo igual, pra mim se você tiver no 1º ou no 2º lugar tanto faz, todo mundo tá lá dentro e o que importa é isso. Aí peguei e falei: olha engraçado você entrou em 2º lugar, e uma das coisas que ela falou foi que ela tinha nota pra entrar no curso de medicina, eu disse há que legal né, mas você escolheu física, [...] eu disse: eu diferentemente de você consegui passar em 14º lugar. E aí quando eu falei isso ela fez uma cara de nossa você passou em 14º lugar! Na hora eu fiquei pensando assim, será que foi porque eu passei em 14º lugar ou é porque eu estou fazendo Física com ela? Aí depois a gente fez uma prova de cálculo e nessa prova eu realmente eu tinha estudando e eu tirei uma nota maior que ela e ela ficou chateadíssima o que ela solta:

“Eu não acredito que tu tirou uma nota dessa, sendo que você entrou na universidade numa colocação muito mais baixa do que eu”.  
 Eu olhei pra cara dela e disse, mana não importa poderia ter entrado na universidade em 18º em último lugar o que importa aqui dentro é o conhecimento que você adquiriu, se tu não estuda, tu não tira nota boa, ao contrário de mim que estudei. Eu fiquei chateada com isso e foi uma das vezes que eu me senti mal, porque a pessoa querendo ou não usa desse fator pra jogar na tua cara, ela achar que ela é melhor do que os outros porque chegou em 2º lugar. Eu não gostei e senti que querendo ou não foi um fator discriminante que ela usou de classe social pelo fato de ela ter uma certa condição de entrar no outro curso muito melhor que física, eu fiquei pensativa, e isso me marcou dentro da universidade [...] (Estudante 1)

A estudante 1 considera que de certa forma sofreu discriminação, quando expõe sua colocação no processo seletivo da universidade ela não soube julgar se o olhar que recebeu foi por estar estudando o mesmo curso que a outra pessoa estava estudando ou pela sua colocação na classificação no processo seletivo da universidade, posteriormente o julgamento fica explícito pela situação da nota que é colocado em evidência sua capacidade de estudar e histórico acadêmico. Estudos demonstram que os estudantes que vieram de escolas pública tem o mesmo desempenho dos estudantes da rede privada no Exame Nacional do Desempenho de Estudante – Enade, o qual integra o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior no Brasil (RIBEIRO, 2019), entretanto Araújo (2020) em seus estudos sobre o desempenho dos estudantes cotistas e não cotistas nos últimos anos, os resultados sugerem que existe uma diferença de desempenho que fica uma margem de 3,2 e 2% a mais para estudantes não cotistas.

Já a discente 2 coloca que: *“Eu nunca sofri algum tipo de discriminação, mas sei que ocorre com muitas pessoas, infelizmente.”* E a discente 3 considera que: *“Eu nunca me senti discriminada, e se isso aconteceu talvez eu nem tenha percebido”*. Embora tenhamos debates e a consciência de que a discriminação existe, ainda há em nossa sociedade um pensamento discriminante que já foi naturalizado, tanto por quem prática como quem sofre racismo, não conseguem muitas vezes identificar o racismo no dia a dia. Almeida (2020) considera que a naturalização do racismo está em consonância com as práticas sociais, onde sua perpetuação se encontra em duas vertentes a produção de ideias que expliquem as desigualdades raciais e a naturalização diante da violência.

O estudante 4 expõe um fato que aconteceu com ele:

Mas uma coisa que aconteceu foi pela nota, meus colegas, os que eram da outra turma e pagavam disciplina na nossa turma, falaram: “Só porque você é indígena por isso o professor ficou com pena de ti ele te deixou passar.” Aí eu me senti e não gostei! Fui e falei pro professor e eu disse: Professor os colegas falaram que o senhor me deixou passar porque eu sou indígena e que sou um coitadinho e tal. Quando foi na hora da aula, o professor se invocou e disse: “como é que vou deixar passar um aluno que ele tem em todas as outras disciplinas tem boas notas, como é que eu vou deixar passar? Só eu que vou deixar passar um aluno que em todas as sete disciplinas ele tem boas notas, ele está bem com todos os professores. Como que eu vou deixar ele passar? Isso foi pra calar a boca deles.

“O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (ALMEIDA, 2020, p.65). Por muito tempo os povos indígenas foram vistos e tratados na condição como “[...] pessoas totalmente incapazes e sujeita à tutela dos juizes [...] A lei impossibilitava, ainda, àqueles que se destacavam do grupo, a realização de atos civis fundamentais, como a identificação, o casamento, o registro [...]” (RIBEIRO, 2017, p.17). A experiência do estudante indígena e sua relação com os outros estudantes sugere que ainda há na sociedade brasileira o imaginário de que pessoas indígenas são incapazes de estarem em espaços como a universidade, exercerem papéis fundamentais na sociedade, política e no mundo do trabalho, a percepção constituída da cultura indígena na sociedade brasileira ainda é permeada de uma visão de coitadismo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa intitulada “Cotas nas universidades: um olhar sobre as políticas de acesso, permanência e sucesso de estudantes cotistas no contexto Amazônico” buscou compreender o processo formativo de (acesso, permanência e sucesso) de estudantes nas universidades na Amazônia brasileira, focalizando estudantes das universidades tanto públicas e como privadas da região norte.

Além disso, trata-se de uma pesquisa cuja motivação partiu de leituras de textos que abarcavam as concepções das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, que até então estavam escondidos aos nossos olhos. A partir disso, para se compreender fenômeno das relações na sociedade e nos espaços educacionais nasce então a problemática dessa pesquisa em como se configura o processo de acesso, permanência e sucesso no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia? Os dados sugerem que as cotas nas universidades deram a possibilidade de estudantes de escolas públicas, negros e indígenas adentrarem nas universidades, entretanto não basta apenas possibilitar o acesso, mas criar condições para que estes estudantes possam permanecer e terem sucesso dentro das instituições.

Assim, nesta pesquisa identificar as formas de acesso, permanência e sucesso de estudantes cotistas na Amazônia que além da Lei 12.711/2012, apareceram outras formas de ingresso, nesse caso em instituições privadas, como que ocorre a Bolsa Universidade criado pela prefeitura de Manaus/AM, o sistema de acesso da Universidade do Estado do Amazonas que se diferencia das demais universidades, tendo diversos subgrupos para o acesso, quanto a permanência desses estudantes compreendemos que existem várias dimensões dentre elas os fatores econômicos, locomoção da cidade de onde esse estudante mora para a cidade onde fará o curso, as dificuldades de aprendizagem que está atrelada ao processo histórico da formação básica que na tentativa de negros e indígenas fazerem parte do processo de escolarização através das escolas públicas é que ao longo dos anos essa instituição foi sendo sucateada e mantida como instrumento de dominação das massas. Por isso, não se pode na hora de dar a largada para a busca de uma vida profissional no mercado de trabalho e na sociedade o processo ser igual para todos,

pois a preparação foi desigual e muitas vezes até desumana, como vimos os estudantes que estão no ensino superior buscam dar o melhor de si e suprir suas defasagens quando estão nas universidades, então acreditamos que estamos formando pessoas para atuarem na sociedade tão capacitadas como as que tiveram uma boa base educacional, os dados do Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes – Enade (2012-2014) mostram que os estudantes cotistas tiveram o mesmo desempenho dos estudantes não cotistas. Se queremos uma sociedade mais justa e igualitária devemos começar desde a base da educação a fornecer os parâmetros para que se faça acontecer.

Dentro das universidades as vivências e os enfrentamentos dos estudantes do norte do país é um vasto campo de relatos de experiências, que começa desde a escolha do curso e vai até o recebimento do diploma. Mas o que destacamos aqui são as dificuldades de aprendizagem que os participantes da pesquisa relataram em seus processos de formação, essas dificuldades estão no campo da Língua Portuguesa e na área de exatas, fruto da falta de uma boa formação no ensino básico, entretanto, embora as dificuldades sejam sentidas e vivenciadas elas são rompidas pelos esforços dos acadêmicos.

Quantos as relações étnico-raciais que os estudantes vivenciaram e que vivenciam no espaço acadêmico ainda é permeado de preconceitos por suas origens étnico-racial, escolar, classe social e resultados produzidos dentro da universidade. Como vemos nas falas dos participantes da pesquisa tanto do questionário como do grupo focal existe sim uma discriminação as vezes velada e as vezes escancarada e que é posto a prova a capacidade dos estudantes devido a sua origem, tanto acadêmica como racial, embora comprovado geneticamente pela ciência que raças não existem, no entanto o mito das raças ainda permanece na sociedade. Basta olhar para a fala de um dos participantes da pesquisa quando ele é chamado de “coitadinho” pelos colegas de classe e mencionado a sua origem como desculpa para obter notas “dadas” pelo professor, quando na verdade o estudante se esforçou para passar em todas as disciplinas. Situações como essa ainda são recorrentes nas universidades e quem sabe até em outros espaços da sociedade.

A metodologia para a coleta de dados que empregamos na pesquisa se deu forma totalmente on-line nas duas etapas da pesquisa, que primeiro se configurou na distribuição do questionário em grupos de WhatsApp, Telegram, Facebook e

posteriormente a reunião do grupo focal pela plataforma Google Meet, as vantagens que encontramos nesse formato foi a possibilidade de encontrar estudantes de várias localidades da região norte o que não seria possível se fosse presencialmente. Entretanto as desvantagens apareceram na demora de obter resultados do questionário e no mesmo instrumento algumas perguntas abertas ficaram sem resposta, quanto ao grupo focal as desvantagens para a realização se deram pela impossibilidade de alguns estudantes não terem internet e alguns participantes optaram por não abrir a câmera, além da oscilação da própria internet dos participantes. No mais consideramos que tivemos sucesso na coleta de dados desta pesquisa, uma vez que alcançamos os objetivos que foram propostos no início da pesquisa.

Este estudo procurou expor uma discussão sobre o processo formativo de estudantes cotistas na região norte que se configura desde seu acesso perpassa pelo processo de permanência e finaliza com o sucesso que é quando esse estudante se forma. Ao longo desse percurso procuramos elucidar as formas de ingresso e analisar as relações étnico-raciais nos espaços das universidades na região norte. Entretanto ao longo desse processo, surgiu questionamentos que sugerimos para estudos posteriores em como se constrói e desconstrói no imaginário popular a imagem de subalternidade de homens e mulheres sejam negras e indígenas na sociedade.

## 6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: editora Jandaíra, 2020.

ARAUJO, Antonia Amanda et al. Diferencial de desempenho dos estudantes cotistas no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes: evidências sobre as instituições de ensino superior federais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DOEBBER, Michele Barcelos; BRITO, Patrícia Oliveira. Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, p. 37-53, 2018.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)

Acesso em: 19 de nov. 2020, 13:30.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2007-](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-)

[2010/2010/Decreto/D7234.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm). Acesso em: 05 abr. 2021.

BRASIL. Decreto nº 7.416, de 30 de dezembro de 2010. Dispõe sobre o Programa Bolsa Permanência. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7416.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7416.htm).

Acesso em 05 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **CPI do Senado propõe medidas para combater o genocídio de jovens negros.** Governo Federal, 08 de jun. 2016. Segurança. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias\\_seppir/noticias/cpi-do-senado-propoe-medidas-para-combater-o-genocidio-de-jovens-negros-2](https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias_seppir/noticias/cpi-do-senado-propoe-medidas-para-combater-o-genocidio-de-jovens-negros-2) Acesso em: 19 de nov.

2020, 13:51

\_\_\_\_\_. **Atlas da Violência 2018.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, 05 de jun. 2018. Segurança. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3341\\_0&Itemid=432](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3341_0&Itemid=432) Acesso em: 19 de nov. 2020, 14: 12.

\_\_\_\_\_. **Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece.** Agência IBGE Notícias, 13 de nov. 2019.

Educação. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece> Acesso em: 19 de nov. 2020, 14:33.

Bardin, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria; GRAY, Debra. **Coletas de dados qualitativos: um guia prático para técnicas textuais midiáticas e virtuais,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CAMINO, Leôncio et al. **A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica.** Revista de psicologia política, v. 1, n. 1, p. 13-36, 2001.

CÂNCIO, Raimundo Nonato de Pádua. Reflexões sobre acesso, ingresso e permanência de estudantes indígenas na Universidade Federal do Tocantins. 2021.

DA SILVA, Marley Antonia Silva. O tráfico de africanos na Amazônia colonial: abordagens historiográficas. **Margens: Revista Interdisciplinar do PPGCITI| ISSN:1806-0560| e-ISSN 1982-5374**, v. 9, n. 12, p. 270-289, 2016.

DIANGELO, Robin J. **Não basta ser racista: sejamos antirracistas/** Robin Diangelo; tradução de Marco Marcionilo. – São Paulo: Faro Editorial, 2018

DUARTE, Evandro Charles Piza; QUEIROZ, Marcos Vinícius Lustosa. **A RevoluçãoHaitiana e o Atlântico Negro: o Constitucionalismo em face do Lado Oculto da Modernidade/The Haitian Revolution and the Black Atlantic: Constitutionalism in face of the Dark Side of Modernity.** Revista Direito, Estado e Sociedade, n. 49, 2017.

DO CARMO, Nádia Amaro. **O movimento negro e suas contribuições para a implementação do sistema de cotas raciais.** In: Anais do Evento Seminário Centros, VI , 2018, Campus do Itaperi. Artigos... Campus do Itaperi: Anais do EventoSeminário Centros, 2018. Disponível em: <http://uece.br/eventos/viseminariocetros/anais/trabalhos.html> Acesso em: 19 nov. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil(1889-1930). **Diálogos latinoamericanos**, n. 10, p. 0, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Rio de Janeiro. Faisne. 1983.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, - 6. ed - [3.Reimpr.].São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Org.). Epistemologias dosul. Coimbra: Almedina, 2009. p. 419-441.

GUARNIERI, Fernanda Vieira; MELO-SILVA, Lucy Leal. Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 2, p. 183-193, Aug. 2017 . Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572017000200183&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000200183&lng=en&nrm=iso) aceso em 20 nov. 2020.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais/ Stuart Hall; 2ª Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Amazônia Legal. Rio de Janeiro: IBGE: 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 20 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Conheça o Brasil população cor e raça. Rio de Janeiro: IBGE: 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em 22 de jul. 2021.

JESUS, Marcineuza Santos de. Política de cotas e democratização do ensino superior: desdobramentos na Universidade Federal do Amazonas. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

LERNER, Samara Mancebo. A política de cotas raciais no Brasil segundo a percepção de negros de camadas médias do Rio de Janeiro. **Sociedade e Cultura**, v. 17, n. 2, 2014.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**, Rio de Janeiro: E.P.U., 2020.

NASCIMENTO, Abadias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**, São Paulo: Perspectivas, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb, Niterói**, n. 12, p. 169-203, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra proferida**, n. 3º, p. 1-17, 2004.

OLIVEIRA, Elenilce Gomes de; SILVA, Elaine Vieira. Convergências e dissonâncias dos programas PNAES e Bolsa-permanência e a Lei de Cotas. 2018.

PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza da. **O negro na universidade: o direito à inclusão**, Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.

PINHEIRO, Daniel Calbino; PEREIRA, Rafael Diogo; XAVIER, Escley Silva. Impactos das cotas no ensino superior: um balanço do desempenho dos cotistas nas universidades estaduais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, 2021.

RIBEIRO, Darcy, **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**, São Paulo: Global, 2015.

RIBEIRO, Darcy, **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**, 7ª ed. - São Paulo:Global, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**/Djamila Ribeiro – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Mapa do ensino superior do Brasil 2020. Disponível em:

<https://www.semesp.org.br/pesquisas/mapa-do-ensino-superior-no-brasil-2020/>Acesso em 13. 07.2021

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se Negro: as vicissitudes da identidades donegro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal. 1983.

SOWELL, Thomas. **Ação afirmativa ao redor do mundo: um estudo empírico sobre cotas e grupos preferenciais**. É Realizações Editora Livraria e DistribuidoraLTDA, 2017.

Todorov, Tzvetan, 1939 - **NÓS E OS OUTROS: reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Tradução: Sergio Goes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**, São Paulo: Atlas, 1928.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno;Porto Alegre: Penso, 2016.

## **APÊNDICES**

Apêndice A – Carta convite aos estudantes do ensino superior

Apêndice B – Modelo do Termo de Consentimentos Livre Esclarecido (TCLE)

Apêndice C – Questionário

Apêndice D – Temática Grupo Focal

Apêndice E – Parecer Cep

## Apêndice A – Carta convite aos estudantes do ensino superior



# CONVITE



Aos estudantes do ensino superior da região norte  
Prezado(a),

Enviamos essa mensagem para convidá-lo(la) a participar da pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Mestrado no Ensino de Ciências e Humanidade (PPGECH) da UFAM pela pesquisadora Luciney Freitas Pereira, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>.  
Dr<sup>a</sup>. Suely Aparecida do N. Mascarenhas

A pesquisa tem por objetivo Enunciar aspectos no âmbito de acesso e permanência no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia brasileira.

Para participar basta ler e assinalar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido em seguida você responderá ao questionário, tempo médio 10 minutos e por fim você será convidado para participar de um grupo de discussões via Google Meet no dia e horários a serem marcados com tempo médio de 1h30 a 2h com perguntas ligadas à temática da pesquisa. Nessas perguntas não existem repostas certas o que queremos saber é a sua opinião.

Link para o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e pesquisa: <https://forms.gle/Ecc1b9wCGnkCDXq57>

## Apêndice B – Modelo do Termo de Consentimentos Livre Esclarecido (TCLE)



Poder Executivo

Ministério da Educação

Universidade Federal do Amazonas

Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente

Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: COTAS NAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO, sob a responsabilidade da pesquisadora Luciney Freitas Pereira, mestrande do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, cel: (97) 3373-1180, e-mail: lucineyfreitas@gmail.com, sendo a professora orientadora Dra. Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas (97) 3373-1180, e-mail: suelyanm@ufam.edu.br, da Universidade Federal do Amazonas, do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente de Humaitá-AM, a qual pretendem enunciar aspectos no âmbito de permanência no nível superior de negros e indígenas na Amazônia.

O objetivo desta pesquisa é: Compreender o processo formativo (acesso, permanência e sucesso) de estudantes cotistas na Amazônia brasileira. Os objetivos específicos são: Identificar as formas de ingresso no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia brasileira; Descrever as vivências e os enfrentamentos dos estudantes negros e pardos na graduação no contexto universitário na Amazônia brasileira; Descrever as perspectivas de estudantes cotistas associados ao seu processo de formação no ensino superior na Amazônia brasileira; Analisar aspectos das relações étnicas-raciais vivenciados pelos

estudantes cotistas no ensino superior.

Sua participação é voluntária e consistirá apenas no preenchimento de um questionário via **Google Forms** e participação de 1 a 3 encontros via **Google Meet**. O questionário contém 36 perguntas, o tempo médio para responder fica em torno de 10 minutos. As perguntas abordam questões renda familiar, questões étnicos-raciais e condições de permanência no ensino superior. Quanto a participação via **Google Meet**, o tempo médio de cada reunião será em torno de 1h30 a 2h dependendo da interação do grupo podendo ser necessário de 1 a 3 reuniões em dias a serem agendados. As perguntas serão no total de 13 e abordará temas ligada a temática da pesquisa. Nessas perguntas não existem respostas certas ou erradas, pois o que queremos saber é a opinião do participante sobre o tema gerador. Nestes encontros o participante do grupo tem livre escolha de ligar ou não sua câmera, de falar, de escrever no chat, de ficar em silêncio, sair da sala ou desistir da pesquisa a qualquer momento. Estes encontros serão gravados para serem utilizados na análise de dados e posteriormente descartados permanecendo a identidade dos participantes confidenciais.

Toda pesquisa envolve riscos, caso você se sinta desconfortável em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que você pode sentir incômodo ao falar, podemos encaminhá-lo para o atendimento com um profissional saúde qualificado mais próximo de sua residência. No decorrer da participação desta pesquisa, você não precisa responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas em debate/ entrevista/pesquisa, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar. Não há qualquer valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação. No entanto, caso haja qualquer despesa decorrente da sua participação na pesquisa, haverá ressarcimento caso seja necessário.

Se você aceitar participar, os benefícios serão em contribuir com o conhecimento sobre o tema abordado e melhorias no processo formação e permanência de negros e indígenas que estão nas universidades na região Amazônica, além de proporcionar uma análise crítica e reflexiva no âmbito acadêmico e profissional no que diz respeito ao acesso e permanência de negros e indígenas nas universidades da região norte do Brasil, disseminando o conhecimento científico nas

mais diversas esferas educacionais, principalmente na realidade da região Amazônica.

Se depois de consentir a sua participação o Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no cel: (92) 98832-1640, ou poderá entrarem contato com o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Consentimento pós-informado. Eu, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Autorizo o uso de áudios, imagens e gravações para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito à análise de dados e posteriormente o descarte do material.

Este termo também está disponível para baixar, caso seja necessário sanar alguma dúvida sobre o processo de pesquisa.

Nestes termos agradecemos sua colaboração.

Luciney Freitas Pereira

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas

Universidade Federal do Amazonas

Campus Vale do Rio Madeira

Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Humanidades

Contato: (97) 3373-1180

**É importante que o participante da pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia deste termo.**

Para baixar este TCLE em formato PDF clique no link abaixo:

[https://docs.google.com/uc?export=download&id=1BT1uYo\\_tM5lweYyoXKpUD3S50k78SjkV](https://docs.google.com/uc?export=download&id=1BT1uYo_tM5lweYyoXKpUD3S50k78SjkV)

Ao imprimir esta página deve clicar na opção incluir cabeçalho e rodapé.

Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

## Apêndice C – Questionário

**I Bloco: Dados de identificação**

1.Data:

1.1. Curso:\_\_\_\_\_1.2

: Faculdade/Universidade:\_\_\_\_\_

2.E-mail:\_\_\_\_\_ 3.Whatsapp:\_\_\_\_\_ 4.Idade\_\_\_\_\_

5.Sexo: ( ) F ( ) M

6.Natural de:\_\_\_\_\_6.1. Estado:

7.Mora em que cidade?:\_\_\_\_\_7.1. Estado:

8. Estado civil:

9. Tem filhos? ( ) Sim ( ) Não.

9.1. Se sim, Quantos?

10. Mora em casa: ( ) própria ( ) alugada ( ) cedida

**Bloco: Renda familiar**

8. Qual a sua média de renda familiar? ( ) sem renda fixa ( ) até 1 salário mínimo( ) 1-2 Salários mínimos ( ) 2-3 Salários mínimos ( ) 3-4 Salários mínimos ( )

4-5 Salários mínimos ( ) Acima de 5 Salários mínimos

8.1. A renda é suficiente para as necessidades da

família?( ) Não ( ) Sim ( ) Em parte.

Comente:

8.2. Além de estudar exercer alguma atividade de trabalho

remunerado?( ) Não ( ) Sim ( ) Em parte.

Comente:

Bloco: Aspectos sobre percepção étnico- racial

9. Você se considera: preto ( ) pardo ( ) moreno ( ) amarelo ( ) branco ( )  
outra ( ). 9.1. Se outra, qual?

9.2. Considera que já foi discriminado/a por sua origem étnico-  
racial?( ) Não ( ) Sim ( ) Em parte.

Comente:

Bloco: Condições de acesso e permanência no ensino superior

10. Você recebe total apoio econômico e logístico para cursar o ensino  
superior?( ) Não ( ) Sim ( ) Em parte.

Comente:

10.1. Quais os obstáculos você tem encontrado para acesso e permanência  
no ensino superior?

11. Quais as dificuldades no seu dia a dia tem influenciado no seu  
rendimento acadêmico?

12. O que você espera que o ensino superior te proporcione?

Agradecemos sua importante colaboração.

## Apêndice D – Temática Grupo Focal

*Grupo focal/tópicos*

Local: Data:

Idade: Gênero: ( ) M ( ) F

Nº	Temática 1: Acesso e permanência na universidade
1	Como se constituiu o seu acesso ao ensino superior?
2	Nesse processo de acesso a universidade quais foram os conflitos que você vivenciou?
3	Durante seu processo de formação, o que vocês consideram como fatores relevantes para a permanência no ensino superior?
	Tópico 2. Percepção quanto ao Ensino superior
1	Fale um pouco de como é estar cursando o ensino superior.
2	O que difere a sua visão quanto a universidade do antes de entrar e depois que está dentro de uma instituição?
	Tópico 3. Dificuldades de aprendizagem
1	Quais as dificuldades de aprendizagem que vocês encontram quando estão estudando? (tanto na sala de aula como em momentos de estudos individuais)
2	Vocês têm a possibilidade de sanar as dificuldades de aprendizagem através de atendimento individuais com professores? Como esses atendimentos ocorrem?
3	Vocês consideram a formação básica como fator responsável nas dificuldades de aprendizagem de vocês?
4	Na pandemia da Covid-19, como se configurou seus estudos?
5	Vocês consideram que foram prejudicados ou tiveram sucesso no processo de formação durante a pandemia? Em que aspectos?
	Tópico 4. Relações interpessoais
1	Qual a sua percepção sobre sua relação, no ensino superior, com seus colegas?
	Tópico 5. Percepção de discriminação por origem étnico-racial
1	Sente que sua origem étnico-racial afeta a forma como é tratado na universidade? ( ) Não ( ) Sim ( ) Em parte.

2	Em algum momento você já foi discriminado na universidade, seja pela sua origem étnico racial, classe social ou qualquer outro aspecto?
	<b>Tópico 6. Perspectivas acadêmicas</b>
1	O que os motiva a querer concluir o ensino superior?
2	O que você espera ao concluir a sua formação superior?

## Apêndice – E

Comprovante de TCLE via Google Forms assinada pelos participantes da pesquisa – etapa grupo focal.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar anonimamente da pesquisa: COTAS NAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO, sob a responsabilidade da pesquisadora Luciney Freitas Pereira, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, tel: (97) 3373-1180, e-mail: [lucineyfreitas@gmail.com](mailto:lucineyfreitas@gmail.com), sendo a professora orientadora Dra. Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas (97) 3373-1180, e-mail: [suelyanm@ufam.edu.br](mailto:suelyanm@ufam.edu.br), da Universidade Federal do Amazonas, do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente de Humaitá-AM, a qual pretendem enunciar aspectos no âmbito de acesso e permanência no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia brasileira.

O objetivo desta pesquisa é: Compreender o processo formativo (acesso, permanência e sucesso) de estudantes cotistas na Amazônia brasileira. Os objetivos específicos são: Identificar as formas de ingresso no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia brasileira; Descrever as vivências e os enfrentamentos dos estudantes negros, pardos e indígenas na graduação no contexto universitário na Amazônia brasileira; Descrever as perspectivas de estudantes cotistas associados ao seu processo de formação no ensino superior na Amazônia brasileira; Analisar aspectos das relações étnicas-raciais vivenciados pelos estudantes cotistas no ensino superior.

Sua participação é voluntária e consistirá apenas no preenchimento de um questionário via **Google Forms** e participação de 1 a 3 encontros via **Google Meet**. O questionário contém 36 perguntas, o tempo médio para responder fica em torno de 10 minutos. As perguntas abordam questões renda familiar, questões étnico-raciais e condições de permanência no ensino superior. Quanto a participação via **Google Meet**, o tempo médio de cada reunião será em torno de 1h30 a 2h dependendo da interação do grupo podendo ser necessário de 1 a 3 reuniões em dias a serem agendados. As perguntas serão no total de 13 e abordará temas ligada a temática da pesquisa. Nessas perguntas não existem respostas certas ou erradas, pois o que queremos saber é a opinião do participante sobre o tema gerador. Nestes encontros o participante do grupo tem livre escolha de ligar ou não sua câmera, de falar, de escrever no chat, de ficar em silêncio, sair da sala ou desistir da pesquisa a qualquer momento. Estes encontros serão gravados para serem utilizados na análise de dados e posteriormente descartados permanecendo a identidade dos participantes confidenciais.

Toda pesquisa envolve riscos, caso você se sinta desconfortável em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que você pode sentir incômodo ao falar, podemos encaminhá-lo para o atendimento com um profissional saúde qualificado mais próximo de sua residência. No decorrer da participação desta pesquisa, você não precisa responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas em debate/ entrevista/pesquisa, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar. Não há qualquer valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação. No entanto, caso haja qualquer despesa decorrente da sua

05/04/2022 00:20 COTAS NAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DE EST...

Campus Vale do Rio Madeira  
Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Humanidades  
Contato: (97) 3373-1180

**É importante que o participante da pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia deste termo.**

Para baixar este TCLE em formato PDF clique no link abaixo:

<https://docs.google.com/forms/3/export/download?id=1BT1u%0A1M51eaFv086cUD9550k785kV>

Ao imprimir esta página deve clicar na opção incluir cabeçalho e rodapé.

Ao clicar no botão abaixo, o(s) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

Li e concordo com os termos acima e estou disposto a participar desta pesquisa. \*

Sim

05/04/2022 09:20 COTAS NAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DE EST...

Campus Vale do Rio Madeira  
Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Humanidades  
Contato: (97) 3373-1180

**É importante que o participante da pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia deste termo.**  
Para baixar este TCLE em formato PDF clique no link abaixo:

[https://docs.google.com/doc?export=download&id=1BT1u76\\_1M5IeeYyoX6rJUD3550k785j6V](https://docs.google.com/doc?export=download&id=1BT1u76_1M5IeeYyoX6rJUD3550k785j6V)

Ao imprimir esta página deve clicar na opção incluir cabeçalho e rodapé.

Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

Li e concordo com os termos acima e estou disposto a participar desta pesquisa. \*

Sim

05/04/2022 09:20 COTAS NAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DE EST...

Campus Vale do Rio Madeira  
Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Humanidades  
Contato: (97) 3373-1180

**É importante que o participante da pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia deste termo.**  
Para baixar este TCLE em formato PDF clique no link abaixo:

[https://docs.google.com/doc?export=download&id=1BT1u76\\_1M5IeeYyoX6rJUD3550k785j6V](https://docs.google.com/doc?export=download&id=1BT1u76_1M5IeeYyoX6rJUD3550k785j6V)

Ao imprimir esta página deve clicar na opção incluir cabeçalho e rodapé.

Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

Li e concordo com os termos acima e estou disposto a participar desta pesquisa. \*

Sim

05/04/2022 09:20 COTAS NAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DE EST...

Campus Vale do Rio Madeira  
Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Humanidades  
Contato: (97) 3373-1180

**É importante que o participante da pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia deste termo.**

Para baixar este TCLE em formato PDF clique no link abaixo:

[https://docs.google.com/doc?export=download&id=1BT1u76\\_1M5IeeYyoX6rJUD3550k785j6V](https://docs.google.com/doc?export=download&id=1BT1u76_1M5IeeYyoX6rJUD3550k785j6V)

Ao imprimir esta página deve clicar na opção incluir cabeçalho e rodapé.

Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

Li e concordo com os termos acima e estou disposto a participar desta pesquisa. \*

Sim

## Apêndice – F – Parecer consubstanciado do CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** COTAS NAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO

**Pesquisador:** LUCINEY FREITAS PEREIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 51503621.2.0000.5020

**Instituição Proponente:** Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente-IEAA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.057.557

**Apresentação do Projeto:**

Resumo

Este projeto corresponde a pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades – PPGECH o qual está sendo desenvolvido na Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Localizada na cidade de Humaitá no Estado do Amazonas. Tem como linha de pesquisa, Perspectivas teórico- metodológicas para o ensino de ciências e humanidades, cujo enfoque na área de pesquisa se denomina: Ensino de Ciências Humanas; Educação e Cidadania; Psicologia da Aprendizagem. Objetivamos pesquisar a questão de estudantes cotistas no espaço das universidades no contexto Amazônico. Considerando que em 2018 o número de estudantes negros matriculados nas universidades públicas no Brasil pela primeira vez chegou a 50,3% segundo dados do IBGE. O que nos instigou a investigar como se dá a formação no ensino superior de estudantes cotistas na Amazônia? Uma vez que as instituições de ensino superior até pouco tempo atrás se constituíram como um espaço dominado pela elite brasileira. Assim a metodologia que pretendemos utilizar será um questionário com perguntas abertas e fechadas e o grupo focal síncrono, via Google Meet, pois, levamos em consideração o momento pandêmico que estamos vivendo, a Covid-19, no mundo e no Brasil;

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

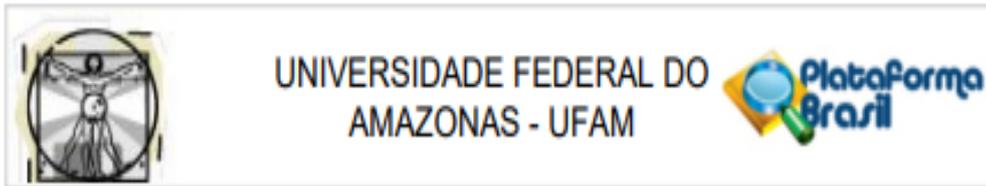
**CEP:** 69.057-070

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.057.557

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1815662.pdf	12/10/2021 21:27:31		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Respostapesquisador.pdf	12/10/2021 21:08:46	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito
Outros	Questionariodapesquisa.pdf	12/10/2021 20:59:56	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito
Outros	GrupoFocal.pdf	12/10/2021 20:59:36	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO.pdf	12/10/2021 20:58:24	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito
Cronograma	Novocronogramapesquisa0310.pdf	12/10/2021 20:58:02	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Nova5folhaDeRosto5.pdf	12/10/2021 20:49:11	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito
Brochura Pesquisa	Projetopesquisa.pdf	31/08/2021 11:46:23	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito
Outros	ConviteParaPesquisa.pdf	31/08/2021 11:44:58	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisa.pdf	31/08/2021 11:41:41	LUCINEY FREITAS PEREIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 24 de Outubro de 2021

---

**Assinado por:**  
**Eliana Maria Pereira da Fonseca**  
**(Coordenador(a))**